

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE TOLEDO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E AGRONEGÓCIO
NÍVEL DE MESTRADO

O CRESCIMENTO ECONÔMICO NAS ÁREAS DE FRONTEIRA DO ESTADO DO
PARANÁ

MÁRCIA TEREZINHA MICHELON

TOLEDO

2014

MÁRCIA TEREZINHA MICHELON

**O CRESCIMENTO ECONÔMICO NAS ÁREAS DE FRONTEIRA DO ESTADO DO
PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Desenvolvimento Regional e Agronegócio, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/*Campus* de Toledo, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Moacir Piffer

TOLEDO

2014

MÁRCIA TEREZINHA MICHELON

**O CRESCIMENTO ECONÔMICO NAS ÁREAS DE FRONTEIRA DO ESTADO DO
PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Desenvolvimento Regional e Agronegócio, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/*Campus* de Toledo, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.: Dr. Moacir Piffer (Orientador)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof.: PhD. Jandir Ferrera Lima
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr.: Sérgio Luiz Kuhn
Faculdade Assis Gurgacz

Toledo, 26 de agosto de 2014.

À minha família, minha base.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me abençoar imensamente e, sobretudo por ter me dado força e perseverança para chegar até aqui, mesmo com todas as intempéries, sem desistir e ajudando a alcançar meus objetivos.

À meus pais, Antônio e Neiva que nunca mediram esforços para dar o melhor para seus filhos. Sem vocês eu jamais teria chego aqui. Agradeço a meus irmãos Wandarei, Marinez e Margarete e suas respectivas famílias, por toda a força, torcida e apoio.

Ao meu noivo Carlos pelo companheirismo e apoio.

Aos meus amigos e colegas, pelo carinho e por estarem presentes mesmo quando me fazia ausente, tento até que revisar meu trabalho: Geisiane Michelle, Angélica Meurer, Kelly Mendes, Raquel Schneider, Edy e demais colegas do mestrado.

Agradeço os professores do PGDRA, em especial Ricardo Rippel e Jandir Ferreira de Lima, que sempre me auxiliaram, mesmo que de forma indireta, desde a graduação até aqui.

À secretária do programa, Clarice Stahl, por ser esta mãezona sempre pronta a nos socorrer e auxiliar nas horas de apuro.

Por fim, agradeço a CAPES, pelo auxílio durante os dois anos de mestrado através da bolsa concedida.

“Existe uma maré nos casos dos homens a qual, levando à inundação, nos encabeça   fortuna. Mas omitidos, a viagem das vidas deles está restrita em sombras e misérias. Em um mar tão cheio estamos agora a flutuar. E nós devemos pegar a correnteza quando nos for útil, ou perder as aventuras   nossa frente”.

William Shakespeare

MICHELON, Márcia Terezinha. **O crescimento econômico nas áreas de fronteira do Estado do Paraná**. 2014. 62 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2014.

RESUMO

O desenvolvimento de uma região está diretamente interligado com o crescimento econômico e as movimentações de pessoas e de capitais. O Estado do Paraná nos limites e áreas de fronteira com São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Argentina e Paraguai, assim como com o porto de Paranaguá com a maior fronteira do Paraná com o resto do mundo. Tendo como proposta as mesorregiões do estado paranaense, fazendo limites com outras regiões, países e estados do Brasil. Desta forma definem o objeto a ser estudado, pois, desde a sua ocupação no século XVI até os dias atuais, passou e passa por grandes transformações na localização populacional bem como na sua matriz produtiva. Sendo que este saiu de uma situação basicamente agrícola para um Estado industrializado e de serviços com gradativo crescimento econômico. Neste sentido a finalidade deste trabalho é de analisar as mudanças ocupacionais e de capital através da inserção dos três setores, agropecuário, industrial e comercial/serviços, na fronteira do estado do Paraná. Tendo como metodologia para estudar o crescimento das mesorregiões os dados secundários, colhidos nas fontes do IPEADATA e RAIS, facilitando, deste modo, as respostas das mesmas, que teve melhor crescimento na periferia do estado, ou região de fronteira. Sendo que a que mais se destacou foi a de Curitiba que possui a maior fronteira do Estado, a fronteira com o resto do mundo, através do Porto de Paranaguá.

Palavras-chave: Fronteira. Economia Paranaense. Porto de Paranaguá.

MICHELON, Márcia Terezinha. **Economic growth in the border areas of the State of Paraná.** 2014. 62 p. Dissertation (Regional Development and Agribusiness) – Western Paraná State University, Toledo, Paraná, 2014.

ABSTRACT

The development of a region is directly linked to economic growth and the movement of people and capital. The state of Paraná in the limits and the frontiers with São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Argentina and Paraguay, and the port of Paranaguá with the longest frontier between Paraná and the rest of the world. Having proposed as the mesoregions of Paraná state, making limits with other regions, countries and states of Brazil. Thus we define the object to be studied, because, since its occupation in the XVI century to the present day, over and passes through major changes in population location as well in your production matrix. Being that this came from a primarily agricultural situation for an industrialized state and important economic growth. In this sense the purpose of this paper is to analyze the occupational changes and capital by inserting the three sectors, agriculture, industry and trade / services at the state of Paraná. Having as a methodology to study the growth of mesoregions the secondary data from IPEADATA and RAIS, facilitating, thus, their answers, that had better growth in the periphery of the state, or frontier region. Being the one that stood out was Curitiba which has the largest frontier of the state, which is the frontier, with the rest of the world, through the Port of Paranaguá.

Keywords: Frontier. Paraná's economy. Port of Paranaguá.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa das 10 Mesorregiões Paranaenses	10
Figura 2 - Dinâmica Regional: Fluxo de Rendas a partir da Teoria da Base Econômica.....	20
Figura 3 - Teoria da Centralidade	25
Figura 4 - Mapa do PIB industrial por mesorregião segundo Quociente Locacional - 2000 e 2010	41
Figura 5 - PIB para o setor terciário segundo análise do Quociente Locacional - 2000 e 2010	42
Figura 6 - PIB por mesorregião para a agropecuária segundo o Quociente Locacional - 2000 e 2010.....	43
Figura 7 - Quociente Locacional - emprego indústria 2000 e 2010	44
Figura 8 - Quociente Locacional - emprego setor agropecuário 2000 e 2010	45
Figura 9 - Emprego na atividade terciária - 2000 e 2010.....	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados de Exportação por mesorregião no Estado do Paraná - 2005 a 2012 (em bilhões).....	32
Tabela 2 - Dados de exportação dos municípios de Curitiba e Paranaguá.....	33
Tabela 3 - Dados de Importação por mesorregião no estado do Paraná - 2005 a 2012 (em bilhões).....	35
Tabela 4 - Dados de importação dos municípios de Curitiba e Paranaguá	37
Tabela 5 - Custo de pedágio nas principais rodovias que cruzam o Estado do Paraná.....	38
Tabela 6 - Custos dos transportes, por mesorregião paranaense até o Porto de Paranaguá - 2010	39
Tabela 7 - Coeficiente de Especialização – PIB	47

LISTA DE ABREVIACÕES

IPARDES	Instituto Paranaense De Desenvolvimento Econômico E Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MDIC	Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
PIB	Produto interno Bruto
QL	Quociente Locacional
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
RMC	Região Metropolitana de Curitiba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	05
1.1 PROBLEMA DA PESQUISA E JUSTIFICATIVA	07
1.2 OBJETIVO	08
1.2.1 Objetivos Gerais	08
1.2.2 Objetivos Específicos	08
2 METODOLOGIA	10
3 REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1 A TEORIA DE ALBERT HIRSCHMAN	15
3.2 A BASE ECONÔMICA DE DOUGLASS NORTH.....	18
3.3 O ENFOQUE INSTITUCIONAL DE DOUGLAS NORTH	21
3.4 TEORIA DA CENTRALIDADE DE CHRISTALLER.....	24
4 A ECONOMIA PARANAENSE E SEU CRESCIMENTO ECONÔMICO	27
5 ANÁLISE DOS DADOS ECONOMICOS	30
5.1 ANÁLISE DOS DADOS DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO	30
5.2 ANÁLISE DOS CUSTOS DE TRANSPORTE.....	37
5.3 ANÁLISE REGIONAL DOS INDICADORES LOCACIONAIS	40
6 CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

Ao fazer uma análise do crescimento econômico do estado do Paraná, principalmente as mesorregiões, se percebe as importantes mudanças estruturais e econômicas que vêm ocorrendo, especialmente, após a década de 1970 com a Revolução Verde mediante a entrada da mecanização agrícola e o conseguinte êxodo rural, que modificou significativamente a localização populacional do Estado, assim como alterou a estrutura de sua economia.

Nesse período ocorreu no Estado do Paraná o desenvolvimento de atividades focadas na exportação, que movidas por fatores exógenos (a necessidade de expandir as indústrias para locais onde a fronteira agrícola abriu espaço de incentivos fiscais e financeiros vindos do governo) estimularam o crescimento industrial do Estado. Além disso, no cenário nacional, as transformações econômicas da região Sudeste geraram no mesmo período, um efeito de deseconomias de aglomeração ocorridas nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro (PIFFER, 2009).

Além dos fatores citados, ocorreu a modernização agrícola, em razão da qual se passou a utilizar equipamentos mais sofisticados e tecnologias mais avançadas, necessidades essas que eram supridas pelas indústrias em crescimento na Região Metropolitana de Curitiba (PIFFER, 2009).

Com a construção do anel de integração¹, se possibilitou ligar o interior do estado com a capital e ao porto de Paranaguá facilitando assim as transações comerciais entre as regiões e o mundo todo. Com isso, as cidades que ficam no seu entorno foram beneficiadas com uma grande entrada de capital que foi investido especialmente em indústrias de transformação de produtos primários e nas indústrias metal mecânicas, suprimindo as necessidades de escoamento de produção do campo e atendendo o setor primário com insumos modernos, bem como atendendo toda uma população que se deslocou para os centros de maior atração de aglomeração de atividades econômicas em geral.

As indústrias que se instalaram nos arredores das rodovias construídas e que cruzavam o Estado do Paraná possibilitaram o crescimento de toda a região, por intermédio da instalação de indústrias que ocasionaram um aumento do Produto Interno Bruto (PIB) em todo este corredor, bem como, passaram a absorver a produção excedente de todas as regiões

¹Apesar de o anel de integração ter possibilitado a concentração de capitais ao longo dessas vias por facilitar a localização geográfica e dar maior acesso para o escoamento da produção tanto para os portos de Paranaguá como Santos, como para grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Joinville, dentre outros, entretanto, não é o objeto deste estudo, pois ele contribui para o desenvolvimento da área fronteira pelas facilidades de alocação de recursos nestes locais

dos arredores que não possuíam um crescimento expressivo. Com isso, ocorreu um aumento das transações de compra e venda nestas regiões, devido a facilidade de acesso, fazendo com que as relações de importação e exportação crescessem.

Algumas mesorregiões paranaenses fazem divisa com outros estados ou mesmo com o resto do mundo, como é o caso do porto de Paranaguá como sendo uma das maiores fronteiras econômicas do estado, por se tratar de uma fronteira com o mundo.

Este corredor possibilita que todas as regiões, estados, e países vizinhos, se desloquem até Paranaguá onde seu porto faz desta cidade, e município, uma fronteira para o mundo. Ali se realizam transações de compra/importações e venda/exportações tanto de *commodities* como de produtos industrializados e também serviços, com todo o resto do mundo.

O Estado do Paraná é dividido em vários polos industriais, sendo o maior localizado na Região Metropolitana de Curitiba, outro na região Norte Central e os demais pelo Estado.

A Região Metropolitana de Curitiba é beneficiada pela sua localização próxima do Porto de Paranaguá, que é considerado uma fronteira para o resto do mundo, facilitando as suas relações exteriores e gerando maior investimento de capitais. A Região Centro Oriental se beneficia do espraiamento oriundo da região metropolitana de Curitiba, ou seja, tem crescido economicamente por meio da instalação de indústrias, o aumento da geração de empregos e os diversos serviços.

Sendo assim, este trabalho foi dividido em cinco partes, sendo composto no capítulo 1 por esta introdução que faz um apanhado geral do trabalho, apresentando a importância deste estudo e seus objetivos. No capítulo 2, a metodologia descreve os mecanismos utilizados para se alcançar os objetivos propostos.

O referencial teórico, no capítulo 3, apresenta a obra de Albert Hirschman, na qual o mesmo defende a ideia de crescimento desequilibrado, por determinado período, para que ocorra o desenvolvimento econômico em uma região. Expõe também a teoria de Douglas North, na qual o autor destaca a importância das instituições para o crescimento de uma região, da mesma forma como aponta a relevância dos custos de transporte para tornar uma região atrativa. Discorre ainda sobre Christaller, com a sua teoria da centralidade, defendendo que o crescimento se inicia no centro, e após o centro estar economicamente desenvolvido, espalha para as beiradas. Estes três pensadores foram utilizados como forma de sustentar e justificar os resultados obtidos.

Por conseguinte, no capítulo 4, se apontam os resultados, onde se interpretam os dados coletados e por fim, no capítulo 5, são sumarizadas as considerações finais.

1.1 PROBLEMA DA PESQUISA E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

Com a mecanização agrícola nos anos de 1960 e 1970, o setor primário passou por um processo de avanço tecnológico que fortaleceu este setor. Com a mecanização, o setor agrícola não necessitava mais de tamanha mão de obra como era ofertada anteriormente. Desta maneira, sucedeu-se o êxodo rural para as áreas urbanas, em busca de empregos. Assim como, a agricultura se fortaleceu com a sua mecanização, o mesmo ocorreu com o complexo metal mecânico na Região Metropolitana de Curitiba (RMC) nos anos de 1990 (PIFFER, 1997).

Com a construção do anel viário interligando o interior do estado com a capital e ao porto de Paranaguá, o custo de transação baixou devido a facilidade de acesso. Por isso, as transações comerciais se intensificaram, tanto internamente como, de forma especial externamente nas relações de importação e exportação de bens e serviços.

A área a ser discutida neste trabalho são as mesorregiões do estado. Notadamente esta área tem apresentado, conforme apontado por pesquisas elaboradas por RIPPEL e LIMA (2008), PIFFER (2009), GONÇALVES JUNIOR *et al.* (2011), um bom desempenho econômico, com um bom fluxo de capital e de pessoas. Isso ocorre devido às empresas criadas e aos postos de trabalhos que as mesmas geram. Muitas empresas se localizaram nesta extensão territorial devido à proximidade com as rodovias, e em razão principalmente às facilidades de deslocamento e de escoamento da produção para centros, como: São Paulo, Curitiba, Porto de Santos, Porto de Paranaguá, dentre outros. Destaca-se que isto prejudica outras regiões, como por exemplo, a Região Central do estado, que, devido a fatores locais tem permanecido estagnada ao longo das últimas décadas.

Isto posto, ao tratar-se da Área de Fronteira com Paraguai e Argentina, esta pode ser considerada um enclave² econômico por sua estrutura ser muito ligada ao narcotráfico. Outra questão é de que grande parte das cidades localizadas nesta área de fronteira sobrevivem dos *royalties* oriundos da represa construída para ser utilizada como reservatório de água para a Usina de Itaipu. Já a cidade de Foz do Iguaçu teve um grande crescimento econômico, que gerou emprego, em especial para atender a demanda de turistas que chegam nesta região devido ao desenvolvimento na área turística. Porém dentro desta área e mais além dela se percebe um grande crescimento econômico em cidades como Cascavel e Toledo. Nestas cidades ocorre um contínuo de atividades rural-urbano de crescimento econômico.

² Não depende de uma matriz regional para crescer. A região oeste tem suas peculiaridades que são atrativas para o resto do mundo. Como exemplo o turismo internacional. (PIFFER, 2007)

Pretende-se nesta pesquisa o estudo das áreas de fronteira do território paranaense, mas não aquelas que tem limites fronteiriços com os países Argentina e Paraguai. Todavia este trabalho tem a preocupação de estudar as áreas das mesorregiões que se localizam nas divisas de outros estados, mais especificamente com o estado de São Paulo (Mesorregião Norte Central) e a maior área de fronteira que o Estado do Paraná possui com o resto do mundo através do Porto de Paranaguá, que está localizada na Mesorregião de Curitiba.

Nesta perspectiva, este trabalho foi conduzido à análise de que algumas mesorregiões tem se destacado na impulsão de investimentos a curto e longo prazo, na geração de renda, riqueza e emprego, formando uma estrutura produtiva mais diversificada.

Em contrapartida, a área central do estado apresenta um crescimento retardatário, pode ser pela falta de infraestrutura local, principalmente de rodovias, que possibilitem o escoamento de produção e que seja atrativa aos empresários para investimentos em grandes indústrias ou outras atividades geradoras de emprego e renda.

Neste contexto, a grande pergunta para este estudo: é a área de fronteira para o mundo representada pelo Porto de Paranaguá é capaz de auxiliar no crescimento econômico das regiões que tem maior acesso à esta grande fronteira?

1.2 OBJETIVO

1.2.1 Objetivos Gerais

O trabalho tem como objetivo analisar o processo de crescimento das atividades econômicas das mesorregiões do Paraná a partir de 1999 até o ano 2010, em sua área de fronteira.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar e analisar os elementos que envolvem as atividades produtivas atuantes no processo da área de fronteira, especificamente o Porto de Paranaguá com o resto do mundo.
- Analisar o crescimento dos três macro-setores da Economia do Estado, a saber: o setor primário, secundário e terciário.
- Demonstrar os setores, nesta área de fronteira, que formam um núcleo de aglomeração de emprego e atividades econômicas.

- Apontar neste processo de análise das atividades econômicas ocorrida na área de fronteira do Paraná, qual o comportamento da distribuição do capital e de pessoas através de políticas públicas.

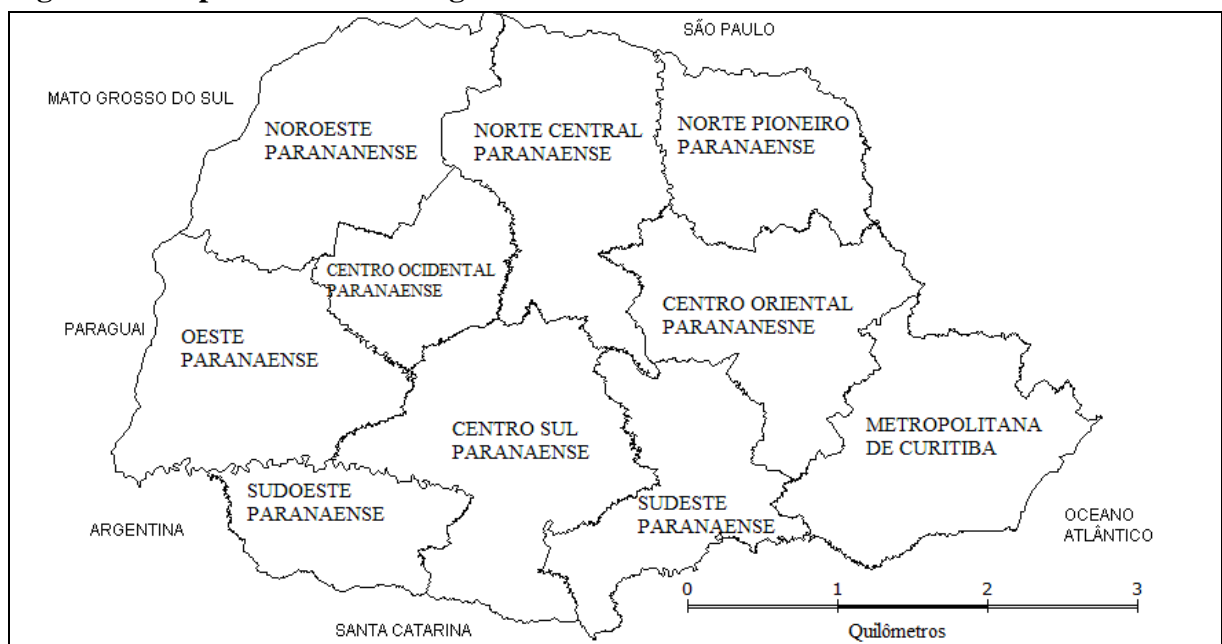
2 METODOLOGIA

A dissertação foi realizada com base de dados secundários, colhidos em fontes bibliográficas e órgãos oficiais sendo estes RAIS, IPARDES, IBGE, IPEADATA, MDIC, envolvendo dados quantitativos que foram sistematizados segundo análises por mesorregião e globais, organizados pela autora.

Utilizou-se como grande área de estudo, o Estado do Paraná, sendo este analisado através de suas 10 mesorregiões. Visto que, as mesorregiões paranaenses possuem um crescimento desigual, esta área seria um interessante ponto a ser estudado.

Na Figura 1, está esposta a área a ser analisada, composta pelas 10 mesorregiões: Metropolitana de Curitiba, Centro Oriental, Norte Pioneiro, Norte Central, Centro Ocidental, Noroeste, Oeste, Sudoeste, Centro Sul e Sudeste.

Figura 1 - Mapa das 10 Mesorregiões Paranaenses



Fonte: IPARDES, elaborado pela autora.

Para analisar o crescimento que ocorre de maneira variada entre as diferentes regiões do Paraná, foram utilizados dados de PIB (Produto Interno Bruto), coletados através do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEADATA). O mesmo indica que há um crescimento econômico na região ocasionando um aumento de emprego. Foram também coletados dados sobre emprego, obtidos através da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), pois o aumento do emprego eleva a massa salarial, o que gera um aumento de consumo de bens em geral.

Estes dados foram coletados para analisar a relação existente entre o aumento do PIB e o aumento do emprego. Uma vez que se imagina que se o PIB se eleva, maior será a quantidade de empregos ofertada, o que conseqüentemente, se reflete na renda e por sua vez no consumo e maior produção, faz com que o PIB se eleve, gerando assim um círculo vicioso.

Analisou-se também dados de importação e exportação por mesorregião onde os dados foram extraídos do site do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), para assim identificar as mesorregiões e suas relações mais estreitas com o mercado internacional, incluindo a poupança e o investimento.

No intuito de apontar quais mesorregiões possuem um custo de transporte maior, o que pode acarretar em um custo de transação mais elevado, e conseqüentemente influenciar nas transações das mesorregiões, se analisou o preço dos transportes de cada mesorregião até o Porto de Paranaguá. Para tanto, foi tomado como base um valor padrão de carreta seis eixos, sendo que a mesma tem capacidade de carga para até 33 toneladas, onde o custo do frete foi fixado em R\$ 55,00 (cinquenta e cinco reais) a tonelada mais o pedágio.

O crescimento econômico regional costuma ser distinto, pois a distribuição dos fatores de produção no espaço não é homogênea, ou seja, cada região possui características que as diferenciam em relação ao potencial de crescimento econômico. Entender porquê algumas regiões crescem mais que as outras subsidia a formulação de estratégias e de políticas públicas de desenvolvimento regional. Nesse sentido, os resultados do método estrutural-diferencial ajudam a responder essa questão ao decompor os componentes do crescimento e apontar os responsáveis pela dinâmica da economia regional. Esse método proporciona uma análise descritiva da estrutura produtiva de uma região, mas não explica o crescimento regional. Procura apenas identificar os determinantes do crescimento (HADDAD, 1989; SIMÕES, 2005).

Nesse método, parte-se da dedução de que o crescimento regional acontece por causa de fatores locais, regionais e nacionais. Conforme Souza (2009), os fatores regionais são gerados pelas peculiaridades internas, que geram vantagens locais para setores determinados. Enquanto que os fatores nacionais são determinados pelo fato de existir na economia local atividades que nacionalmente apresentam dinamismo, ou seja, a região possui uma atividade que se dinamiza através de incentivos vindos de fora da região.

Segundo Gonçalves e Galete (2010), ocorrem diferenças setoriais e regionais no crescimento entre dois períodos de tempo, sendo que estas podem ser oriundas da existência de setores mais dinâmicos ou menos dinâmicos na composição da estrutura produtiva de uma

região ou por uma diferença de participação na distribuição regional de uma variável econômica básica.

No método estrutural-diferencial é feita a decomposição do crescimento de uma região, em determinado período, partindo de três componentes, sendo estes: o componente regional, o componente estrutural (proporcional) e o componente diferencial (competitivo). Sendo utilizando uma região como referência. Baseando-se em uma região tomada como ponto de comparação, o componente regional mostra qual teria sido o crescimento da variável se a mesma crescesse à taxa média total da região de referência (economia nacional). O componente estrutural será positivo quando a região tiver se especializado em setores da economia nacional que apresentam altas taxas de crescimento (acima da média total da nação), e negativa quando a região se especializar em setores que na esfera nacional apresentem baixas taxas de crescimento. Já o componente diferencial, indica o montante positivo (ou negativo) de crescimento que a região j conseguiria pelo fato de a taxa de crescimento em determinados setores ter sido maior (ou menor) nesta região do que na média nacional do mesmo setor.

Tomando o emprego como variável básica para a utilização do modelo estrutural-diferencial (*shift-share*), a equação (1) apresenta a variação real do emprego do setor i na região j ($E_{ij}^t - E_{ij}^0$) como sendo igual ao componente regional ($E_{ij}^0 e$), adicionados os componentes estrutural $E_{ij}^0(e_i - e)$ e diferencial $E_{ij}^0(e_{ij} - e_i)$.

$$(E_{ij}^t - E_{ij}^0) = (E_{ij}^0 e) + E_{ij}^0(e_i - e) + E_{ij}^0(e_{ij} - e_i) \dots\dots\dots(1)$$

Na qual:

E_{ij}^0 é o emprego inicial do setor i na região j ;

E_{ij}^t é o emprego final do setor i na região j ;

(e) é a taxa de crescimento do emprego total nacional (ou da região utilizada como referência);

(e_i) é a taxa de crescimento nacional do emprego no setor i ;

(e_{ij}) é a taxa de crescimento do emprego no setor i da região j .

Desta forma, para Souza (1996), quando a variação real do emprego do setor i na região j for superior ao componente regional, mostra que o emprego do setor i da região j teve

um crescimento maior que a média nacional e que existem elementos dinâmicos internos (componente diferencial) ou externos (componente estrutural) atuando na região de forma positiva.

Assim usa-se o aperfeiçoamento do Método Estrutural Diferencial uma vez que o modelo estrutural-diferencial básico, conforme mostrado, apresenta certas dificuldades e limitações. Uma das dificuldades é a dependência dos efeitos estrutural e diferencial do pessoal ocupado no ano base, ou seja, estes efeitos estão interligados. Assim, o efeito diferencial não mede apenas o que se espera que ele meça. Por isso, Esteban- Marquillas (1972) propôs a reformulação da equação $E_{ij}^0(e_{ij} - e_i)$ introduzindo pessoal ocupado esperado ou homotético E_{ij}^{0*} em vez do pessoal ocupado efetivo inicial E_{ij}^0 .

A estrutura do emprego esperado no período inicial é indicado pela equação 2.

$$E_{ij}^{0*} = E_j^0 \left(\frac{E_i^0}{E^0} \right) \dots \dots \dots (2)$$

Onde:

E_j^0 : é o emprego total da região j no ano inicial,

E_i^0 : é o emprego total do setor no nível nacional, no ano inicial, e

E^0 : o emprego total nacional do ano inicial.

E_{ij}^{0*} : emprego homotético do setor i da região j é definido como aquele que guarda a mesma proporção da economia.

Ao introduzir o pessoal ocupado esperado no lugar do pessoal ocupado efetivo na equação do efeito diferencial Esteban-Marquillas (1972) elimina da posição diferencial ou competitiva a influência estrutural. Desta forma, introduzem o efeito de alocação (A_{ij}) , para analisar os componentes do crescimento regional. O efeito alocação é a influência estrutural do dinamismo diferencial, conforme mostra a equação 3.

$$A_{ij} = (E_{ij}^t - E_{ij}^{t*}) (e_{ij} - e_i) \dots \dots \dots (3)$$

Desta forma Herzog e Olsen (1977) formulam as equações necessárias e assim, reformulam o efeito alocação modificado (A_{ij}) inserindo a mudança do peso na composição do emprego final (E_{ij}^t) , e do emprego final modificado (E_{ij}^{t*}) , com o intuito de eliminar o efeito mudança estrutural do período.

$$A_{1ij}^{tr} = [(E_{1ij}^{tr} - E_{1ij}^{tr}(t*)) - (E_{1ij}^{tr0} - E_{1ij}^{tr}(0*))](e_{1ij} - e_{1i}) \dots\dots\dots (4)$$

Com a mudança no efeito alocação, inicialmente proposto por Esteban-Marquillas (1972), ao ser inserido o componente , o efeito diferencial ou competitivo passou a ser:

$$D_{ij}^n = D'_{ij} + A_{ij} - A'_{ij} \dots\dots\dots (5)$$

Para manter a originalidade do método, o efeito diferencial modificado $[(D)_{ij}^{tr}]$, para Herzog e Olsen, ficará desta forma:

$$D_{ij}^n = (2E_{ij}^0 - E_{ij}^t + E_{ij}^t * - E_{ij}^0 *) (e_{ij} - e_i) \dots\dots\dots (6)$$

Desta forma obtém-se o calculo da variação líquida total, que segundo correções efetuadas por Herzog e Olsen, é resultado da soma entre o efeito estrutural $E_{ij}^0 = (e_i - e)$, com o efeito diferencial puro modificado representado pela equação 5 e o novo efeito alocação representado pela equação 4, assim segue:

$$VLT_{ij} = E_{ij}^0(e_i - e) + (2E_{ij}^0 - E_{ij}^t + E_{ij}^t * - E_{ij}^0 *) (e_{ij} - e_i) \dots\dots\dots (7)$$

Foram analisadas dez mesorregiões que compõem a região de fronteira no Estado do Paraná, para analisar seu comportamento com relação a emprego e produto interno bruto, sendo que para tal, conforme foi dito anteriormente, foram coletados dados de PIB dos três macro setores, primário, secundário e terciário, a partir de 1999 a serem coletados no IPEADATA, além de dados de emprego que serão coletados no site da RAIS.

Os dados foram expostos no formato de tabelas e figuras (mapas), que facilitam a visualização e compreensão dos dados.

Devido a dificuldade em encontrar dados referentes há anos mais recentes para PIB e emprego, a análise ficou restrita até o ano de 2012.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo trata-se de três enfoques diferentes associados ao crescimento econômico.

Por um lado tem-se Albert Hirschman e sua importante obra na qual destaca a importância do crescimento desequilibrado de alguns setores para promover o desenvolvimento econômico de algumas regiões. Com esta teoria compreende-se algumas atividades de destaque em regiões consideradas mais pobres no Paraná e no Brasil.

De outro lado, Douglas North (1986) analisa a importância das instituições e dos custos de transação no crescimento de uma região. Este autor aponta como as instituições são responsáveis pelo crescimento econômico nas regiões mais ricas do estado. Da mesma forma que as instituições juntamente com os custos de transação formam um conjunto que se tornam responsáveis por uma região ser atrativa para a inserção de novos capitais e novos investimentos.

Ao se aliar a primeira parte da teoria de North, quando este trata da base econômica como fator determinante para o crescimento de uma região e conciliá-la com a segunda fase onde o autor trata da importância das instituições, se percebe que ambas as teorias são complementares.

Em contrapartida, tem-se Walter Christaller (1966), afirmando que o crescimento ocorre pelo centro. Para este autor, as regiões iniciam crescendo pelas regiões centrais e o mesmo vai sustentando as periferias, sendo o centro, o fornecedor de serviços terciários e de atração de população e de capital.

Assim, este capítulo será dividido em três partes onde, em um primeiro momento se aponta a importância do crescimento desequilibrado. Num segundo momento é tratada a importância das instituições citada por North. E por último, mas não menos importante, é analisada a teoria da centralidade desenvolvida por Christaller, conforme segue.

3.1 A TEORIA DE ALBERT HIRSCHMAN

Albert Hirschman possuía uma visão de crescimento um tanto contrária aos demais economistas nos anos de 1952. Em seu livro *The Strategy of economic development* (1958), o autor deixou claras suas ideias e contribuições para o crescimento e o desenvolvimento.

Nesta obra, Hirschman atacava o modelo de crescimento equilibrado como a melhor maneira para gerar a igualdade entre as regiões. De acordo com este modelo os países

subdesenvolvidos necessitavam de investimentos simultâneos, para fortalecer todas as empresas ao mesmo tempo, com o governo atuando como mediador da economia. Para estes, a economia deveria seguir os moldes econômicos utilizados pelos países desenvolvidos economicamente.

Hirschman (1958), analisou o crescimento econômico de uma região sob outra óptica. Este autor acreditava que o crescimento ocorria, ao contrário do que os economistas afirmavam, de forma desequilibrada. Ele defendia que os investimentos deveriam ocorrer conforme houvesse possibilidade financeira assim como deveriam ser utilizadas as tecnologias disponíveis. Os investimentos não precisam necessariamente ocorrer de forma vultosa de uma vez, mas sim poderiam ser feitos consecutivos investimentos em um único setor, por isso ser chamado de crescimento desequilibrado.

Se por um lado, os modelos de desenvolvimento da época acreditavam na necessidade de planejamento, Hirschman defendia um mercado capaz de cumprir seu papel de moldar e orientar os investimentos necessários através de preferências de demanda. Isto não significava um livre mercado, apenas que as interferências governamentais, por parte de políticas de desenvolvimento, fossem reduzidas.

Sua teoria de investimentos se explica através do conceito de encadeamento para trás ou para frente, sendo que estes setores geradores de encadeamentos, são os que mais deveriam receber investimentos.

Primeiro, uma operação industrial existente, dependendo inicialmente de importações não só para suas máquinas e equipamentos, mas também para muitos de seus insumos materiais, faria pressões para a fabricação doméstica desses insumos e por fim para uma indústria doméstica de bens de capital. Essa dinâmica foi chamada de encadeamentos para trás, já que a direção do estímulo para investimento adicional flui do artigo acabado para os materiais brutos ou semiprocessados dos quais ele é feito ou para as máquinas que ajudam a fazê-lo. Outro estímulo para investimento adicional aponta na outra direção e é, portanto, chamado de encadeamentos para frente: a existência de uma dada linha de produto A, que é um bem final ou é usado como um insumo na linha B, age como um estimulante para o estabelecimento de outra linha C, que também pode usar A como insumo³(HIRSCHMAN, 1958, p. 210-211).

Desta forma, ao ser realizado um investimento devia levar em conta fatores como os investimentos realizados anteriormente que levaram a outros investimentos posteriormente.

Após anos de estudos, Hirschman se deu conta de que os investimentos realizados em apenas um setor geravam um esquecimento dos outros setores, podendo assim chamar a

³ Idem. "Linkages". In: Eatwell, Jhon, Milgate, Murray e Newman Peter (eds.), op. cit., pp.210-211.

atenção pública. Isto faria o investimento migrar para outro setor, deixando os demais setores descobertos. Esta transferência de investimento de um setor para outro, denominada por Hirschman de "zigue-zague", é aceita pela sociedade por se tratar de um procedimento adequado para a democracia. Segundo Hirschman (1958) este procedimento de “zigue-zague” é tolerada e aceita, pois, afirmava que a desigualdade crescente poderia ser tolerada por um determinado período.

Suponha que eu dirija por um túnel com duas pistas, ambas indo na mesma direção, e entro em um sério congestionamento. Até onde consigo ver (que não é muito longe) nenhum carro se move em nenhuma das pistas. Estou na pista da esquerda e fico desanimado. Passado algum tempo os carros na pista da direita começam a se movimentar. Naturalmente, fico consideravelmente animado, pois sei que o congestionamento foi rompido e que a vez de minha pista se movimentar decerto ocorrerá a qualquer momento. Embora esteja parado, me sinto muito melhor do que antes por causa da expectativa de que logo me moverei. Mas suponha que a expectativa é frustrada e só a pista da direita continue a se movimentar: nesse caso eu, junto com meus co-sofredores de pista, suspeitarei de desonestidade, e muitos de nós em algum momento ficaremos muito furiosos e dispostos a corrigir a injustiça por meio de ações diretas (como cruzar ilegalmente a linha dupla que separa as duas pistas) (HIRSCHMAN, 1958, p 41).

Hirschman utilizou este exemplo para mostrar como uma situação parcialmente boa é tolerada por algum tempo pelos indivíduos deixados de fora. Porém, esta situação é tolerada apenas por um tempo, e logo os demais setores passam a reivindicar sua parcela de participação nos auxílios públicos alocativos, estabilizadores e outros.

Para Hirschman (1958), o desequilíbrio forçado que era gerado por causa do crescimento desequilibrado era autocorretivo, devido à reação das forças do mercado e as respostas de políticas públicas a estas reações de mercado.

Ainda segundo o autor, para que estes investimentos direcionados em apenas um setor tivessem seu efeito de gerar crescimento encadeado, é necessário que o investimento seja realizado no setor ou região mais abrangente. De tal forma que, com os efeitos do mercado, o investimento localizado realizado se espraie para outros setores ou outras regiões.

Com isso, algumas regiões tendem a ser mais desenvolvidas economicamente do que outras, por fatores locais, econômicos e estruturais, sociais, etc. Regiões com melhor dinâmica de localização e que reduzem os custos de transporte, tendem a receber mais investimentos e auxílios públicos. Estas regiões se tornam um centro de atração econômica que passa a espriar seus investimentos através de geração de emprego para áreas concentradas no seu entorno.

Outro ponto apontado pelo autor foi o desafio ao crescimento gerado pelo que ele denominou de "síndrome do economista visitante". Lideranças políticas buscam impressionar seu eleitorado, e para isso consultam soluções para o crescimento para que deem a receita do crescimento. Estes economistas visitantes prescrevem estratégias de crescimento mundialmente utilizadas, porém sem conhecerem as características e pontos fortes e fracos de uma região. Com isso a região perde importantes oportunidades de que ocorra o crescimento econômico (HIRSCHMAN, 1958).

Tirar proveito das potencialidades de cada região costuma ser um desafio que nem mesmo pessoas naturais da região conseguem fazê-lo. Hirschman (1958) apontava que estas potencialidades não são exploradas a favor do crescimento, pois elas não são identificadas como atividades de grande potencial.

Desta forma Hirschman apontava em sua obra, *The Strategy of economic development* (1958), que primeiramente uma região tem de saber quais são suas potencialidades e pontos fortes passíveis de crescimento. Após identificar estas potencialidades, fica mais fácil direcionar os investimentos, priorizando o setor com maior capacidade de crescimento econômico.

Neste sentido, a Teoria de Hirschman aponta os efeitos de desequilíbrio e os efeitos de encadeamento ou desencadeamento, mostrando para esta análise há uma base teórica fundamental quando se analisa as regiões ou mesorregiões de qualquer nação que tem efeitos de crescimento desiguais.

Para estudar melhor o crescimento econômico de uma região, analisa-se a importância que o mercado externo tem sobre a mesma. Assim no próximo item, aborda-se a teoria da base econômica de Douglas North.

3.2 A BASE ECONÔMICA DE DOUGLASS NORTH

Ao estudar as regiões, Douglas North (1955, 1961, 1977a), observou que as regiões são movidas por dois pontos distintos. Um ponto seria as atividades não básicas, que servem exclusivamente para o abastecimento da região, sendo que sua demanda é exclusivamente interna. O outro ponto, que virou objeto de um de seus mais importantes estudos, são as atividades básicas, ou seja, atividades de exportação, onde a produção é voltada para atender o mercado externo, sendo estes de outras regiões ou mesmo de ou para outros países.

Conforme apontou o autor, as atividades básicas são as responsáveis pelo crescimento de uma região, sendo que a mesma dificilmente irá evoluir economicamente se

não possuir atividades básicas que impulsionem seu crescimento. Esse crescimento pode ocorrer tanto em regiões como em ramos de atividade econômicas sendo que com a evolução de uma região, a mesma passa a sentir o efeito das mudanças institucionais nas mudanças de sua estrutura produtiva, assim passa a se tornar mais industrializada e dinâmica.

Como o foco principal de seus estudos foi a evolução da produção agrária, North (1977b) concluiu, ao estudar a importância das atividades básicas, que uma região que possui uma produção primária voltada para o abastecimento externo, pode gerar um fator de crescimento econômico urbano e industrial nesta região, através dos recursos externos vindos dos países que demandam pelos seus produtos e serviços.

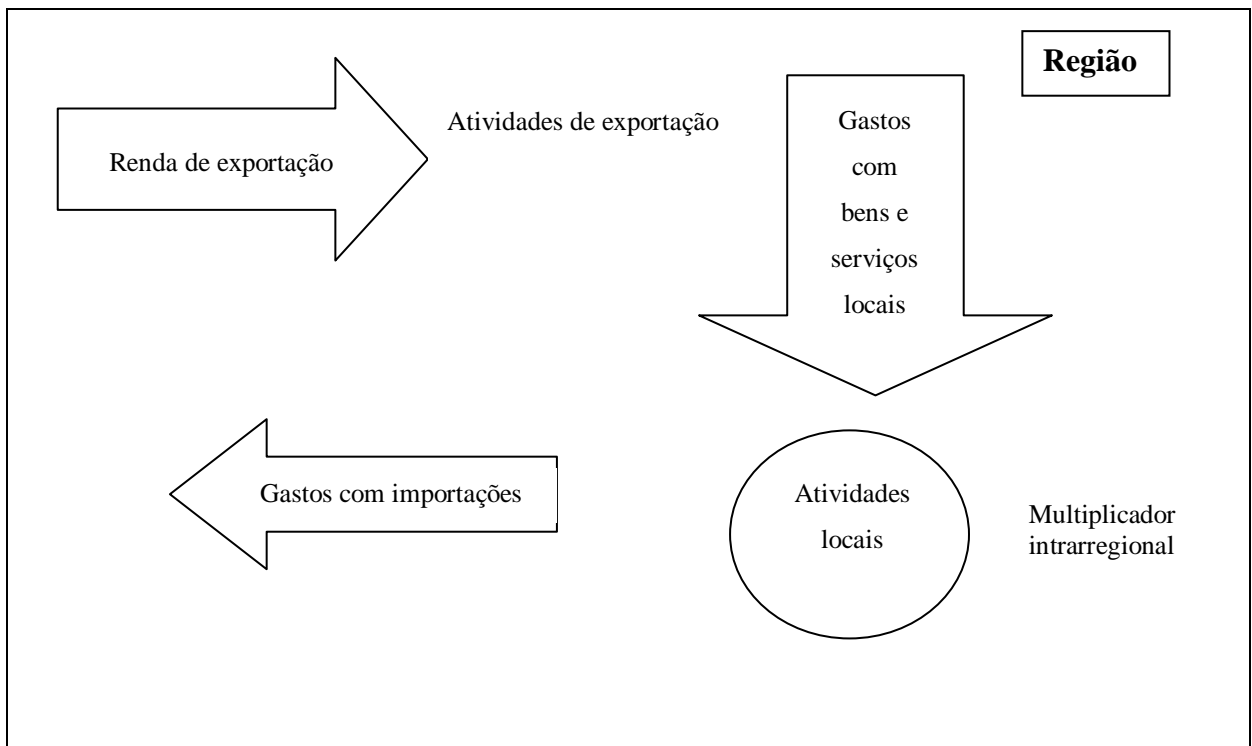
Para exemplificar sua teoria, North (1955, 1961, 1977a) usou o desenvolvimento canadense que possuía uma produção com destino ao mercado externo, sendo que estas regiões apresentaram grande desenvolvimento econômico vindo a serem regiões industrializadas. Da mesma forma, ao estudar regiões dos Estados Unidos percebeu que as regiões que diferenciavam sua produção para vender para o mercado externo apresentaram maior crescimento que outras que produziam apenas para o consumo local.

Da mesma forma que a produção de produtos básicos é importante para o desenvolvimento da região, North (1961) analisou que uma região deve ser diversificada e não depender da produção de apenas um setor.

Segundo ele, uma região que depende apenas da produção primária exportadora não consegue alcançar um ritmo constante de expansão. É necessário que juntamente com a produção primária cresça também a indústria de transformação bem com o comércio e serviços entre outros.

A Figura 2 mostra como age o efeito das atividades básicas em uma região. A demanda pelos produtos de base da região gera um estímulo na economia local, auxiliando na geração de novas indústrias, e empresas locais. Auxilia na geração de novos postos de trabalho, e com isso a população local tem mais dinheiro para poder usar dos serviços que a região oferece, fortalecendo a economia regional. Com este fortalecimento, a região passa a criar novos ramos de atividades, especialmente no setor secundário e terciário. Sendo assim, a região passa a ter uma dinâmica local, fortalecendo a sua economia.

Figura 2 - Dinâmica Regional: Fluxo de Rendas a partir da Teoria da Base Econômica



Fonte: Fürst, Klemer e Zimmermann (1983, p. 82).

Para North (1955, 1961, 1961a, 1977a, 1977b), as atividades básicas e não básicas se entrelaçam, sendo uma complementar a outra. Com o crescimento das exportações, eleva-se o capital interno, com isso ocorrem mais investimentos sobre a indústria e o comércio local, gerando um aumento da oferta dos serviços prestados. Como passa a gerar maior oferta de mão de obra na região, a economia passa a girar com maior intensidade e o governo passa a arrecadar mais impostos, estimulando-o a realizar investimentos em saúde, educação, segurança, infraestrutura e outros.

Desta forma, ainda segundo North (1955, 1961, 1961a, 1977a, 1977b) destaca que, com os investimentos que o governo realiza nas cidades, facilita o acesso ao capital a estes aglomerados, gerando atração maior de investimentos.

3.3 O ENFOQUE INSTITUCIONAL DE DOUGLAS NORTH

Ao realizar uma análise sobre algumas regiões dos Estados Unidos, North (1977a) constatou que estas regiões foram colonizadas como empreendimento capitalista, sendo que o que determinou seu crescimento foi a demanda externa e não uma sequência de estágios. Este estudo se aplica em regiões com determinadas condições como: 1) ser região desenvolvida num quadro de instituições capitalistas, ou seja, da maximização dos lucros e da mobilidade dos fatores de produção, apresentam relativa mobilidade; 2) regiões desenvolvidas sem as restrições impostas pela pressão populacional.

North ainda aponta que o crescimento econômico acontece quando a produção aumenta mais do que a taxa populacional. Já o aumento da população ocorrerá se a organização econômica trabalhar de forma eficiente. Para que ocorra o investimento em determinado local, é necessário que os investidores sejam atraídos por intermédio de incentivos.

Caso os custos de investimento forem maiores que os benefícios, os investidores não se arriscam e não realizam o investimento. Em casos onde o investimento não gera retornos a fim de beneficiar tanto o setor privado quanto o social, ocorre por dois motivos: falta de técnica e custos elevados para a aplicação do investimento, neutralizando ou inibindo os benefícios.

A criação de novas organizações gera muitos custos, o que acaba não compensando o gasto caso o custo seja mais elevado que o retorno que a sociedade terá.

Para North (1990) as instituições são as maiores responsáveis pela implantação de novas tecnologias e pelo desempenho da economia, uma vez que são as instituições que determinam os custos de transação e de produção.

Os custos de transação bem como os de produção são definidos tanto pelo desempenho da economia como pela tecnologia empregada. A chave dos custos transacionais está na quantificação de atributos de valor sendo eles tanto os bens quanto os serviços além do desempenho dos agentes relacionados na transação. Outro ponto que determina os custos de transação seria o tamanho do mercado que define cada transação como pessoal ou impessoal. No caso das transações pessoais devido à confiança por se tratar de amigos e parentes, os custos com a transação são reduzidas. Já no caso onde a transação é impessoal, os custos se elevam, pois são atribuídos gastos com contratos. Um último entrave ao desenvolvimento, que faz com que os custos de transação sejam altos seriam os altos gastos usados para analisar o desempenho, fiscalizar e executar um contrato.

No Paraná, as mudanças estruturais e econômicas se consolidaram a partir dos anos de 1970, período no qual as fronteiras agrícolas se esgotaram, a indústria se espalhou pelo estado e se diversificou, atendendo as necessidades tanto do campo quanto das cidades, e a economia paranaense se integrou a economia nacional (PIFFER, 2009).

Com isso, ainda segundo o autor, o Paraná deixou de ser uma região exclusivamente agrícola, para ser um estado diversificado na área industrial, ampliando sua base produtiva e sua base de exportação. Neste panorama, o crescimento de uma região é resultado da elevação das atividades de base e, por conseguinte do aumento da demanda pelos produtos por ela ofertados, e com isso toda a economia regional é beneficiada. Da mesma forma, para que ocorra o crescimento de regiões menores é necessário que seus produtos ofertados sejam utilizados de forma crescente pelas regiões vizinhas, formando uma integração entre as regiões estimulando a integração da economia local na economia nacional.

Desta forma, segundo Alves *et al.* (2006a) para realizar uma análise sobre a dinâmica de uma região é necessário conhecer sua estrutura setorial-produtiva bem como verificar suas transformações no decorrer do tempo, e os impactos causados no padrão do crescimento.

Nesta análise o autor sugere que as áreas geográficas de uma região podem estar interligadas em virtude de algumas características como: distribuição de força salarial, estruturas de produção, padrão de consumo, elementos sociais, políticos e culturais e outros.

Tratando especificamente do Paraná, com a modernização agrícola o estado se consolidou em um dos principais exportadores agrícolas do país. Além disso, houve o desenvolvimento da agroindústria, da mesma forma que se instalou um moderno complexo metal mecânico na Região Metropolitana de Curitiba. Com estas transformações, houve a consolidação dos grandes centros no Estado, dando destaque para Curitiba, Londrina, Foz do Iguaçu, Cascavel, Maringá, Guarapuava e Ponta Grossa (IPARDES, 2006).

A partir da década de 1990, quando houve a implantação do Plano Real, o estado passou a ter uma economia mais aberta com menos tarifas, aumentando as exportações e importações (LACERDA *et al.*, 2000).

Desta forma, com relação ao comércio exterior do Paraná após a década de 1990, dois pontos se sobressaem: em primeiro, o aumento das exportações em termos de valor, e o segundo, a mudança da base de exportação sendo que passaram a exercer forte participação os produtos industrializados (ROSA; ALVES, 2003).

Ao tratar do crescimento econômico de uma região, vemos que North ao analisar os custos de transação afirmou que instituições tanto políticas como financeiras passam a ter grande importância neste crescimento, dado que se as mesmas disponibilizarem transações de

baixo custo favorecerá o surgimento de mercados de produtos e serviços eficientes que viabilizam o crescimento econômico.

Uma das formas de medir o custo de transação é através do custo pelo desempenho dos agentes, sendo que estes custos costumam ser elevados e/ou imprevisíveis de forma que são tomadas por base outras variáveis para quantificar o custo da transação. Outra variável utilizada para mensurar o valor deste custo é o tamanho do mercado, sendo determinado pela troca pessoal ou impessoal, bem como, o cumprimento de contratos entre compradores e vendedores.

Ainda segundo North (2006), para minimizar os custos de transação são necessárias organizações em pleno funcionamento, no qual um conjunto de oportunidades são estabelecidos através de acordos entre empresários e políticos. Neste cenário, as organizações bem como, os empresários envolvidos são uns dos personagens para a inovação institucional. Sendo os políticos e seu público eleitor, os atores principais, onde grupos de interesses variados entram em conflito para proteger os seus interesses.

A primeira parte da Teoria da Base Econômica permite um entendimento que, ao iniciar o crescimento de uma região, ela necessita da produção de bens não duráveis, como por exemplo, bens de primeira necessidade (subsistência), que mais tarde são exportados gerando poupança para futuras demandas de outros ramos de atividade, formando assim um movimento de manutenção ou difusão de bens e serviços na economia. Por outro lado, se não ocorre de forma dinâmica, difundida e equilibrada para os setores ou ramos de atividade pelas forças de mercado é de fundamental compreensão e aplicação do intercâmbio político social e econômico, principalmente com a presença do estado para a redução das incertezas das desigualdades que poderão ser feitas através de cooperação solidariedade e ajuda da sociedade, como forma de ações coletivas para estruturar as interações políticas, econômicas e sociais ao longo do tempo.

É neste sentido que foi incluída esta teoria, pelo grande respaldo da sua base teórica que fundamentou a análise deste estudo.

3.4 TEORIA DA CENTRALIDADE DE CHRISTALLER

Em contra partida, Christaller (1966), ao realizar uma análise do espaço observou uma interação entre algumas partes do espaço ao redor de centros ou áreas de atração. Sendo que de acordo com o mesmo, estes centros possuem uma zona de atração devido à quantidade de serviços terceirizados que o mesmo oferece.

Desta forma o crescimento sempre se inicia no centro e parte para as áreas marginais, de forma que ao analisar a organização de uma cidade, fez as seguintes considerações:

- o centro possui grande soma populacional, o que intensifica o crescimento;
- no centro são produzidos e comercializados produtos que não são encontrados em toda parte;
- possui um setor terciário forte, sendo que tanto regiões menores como áreas rurais encontram nos centros os serviços de que necessitam;
- possui um forte ciclo de negócios, de forma que a renovação dos bens e serviços é constante.

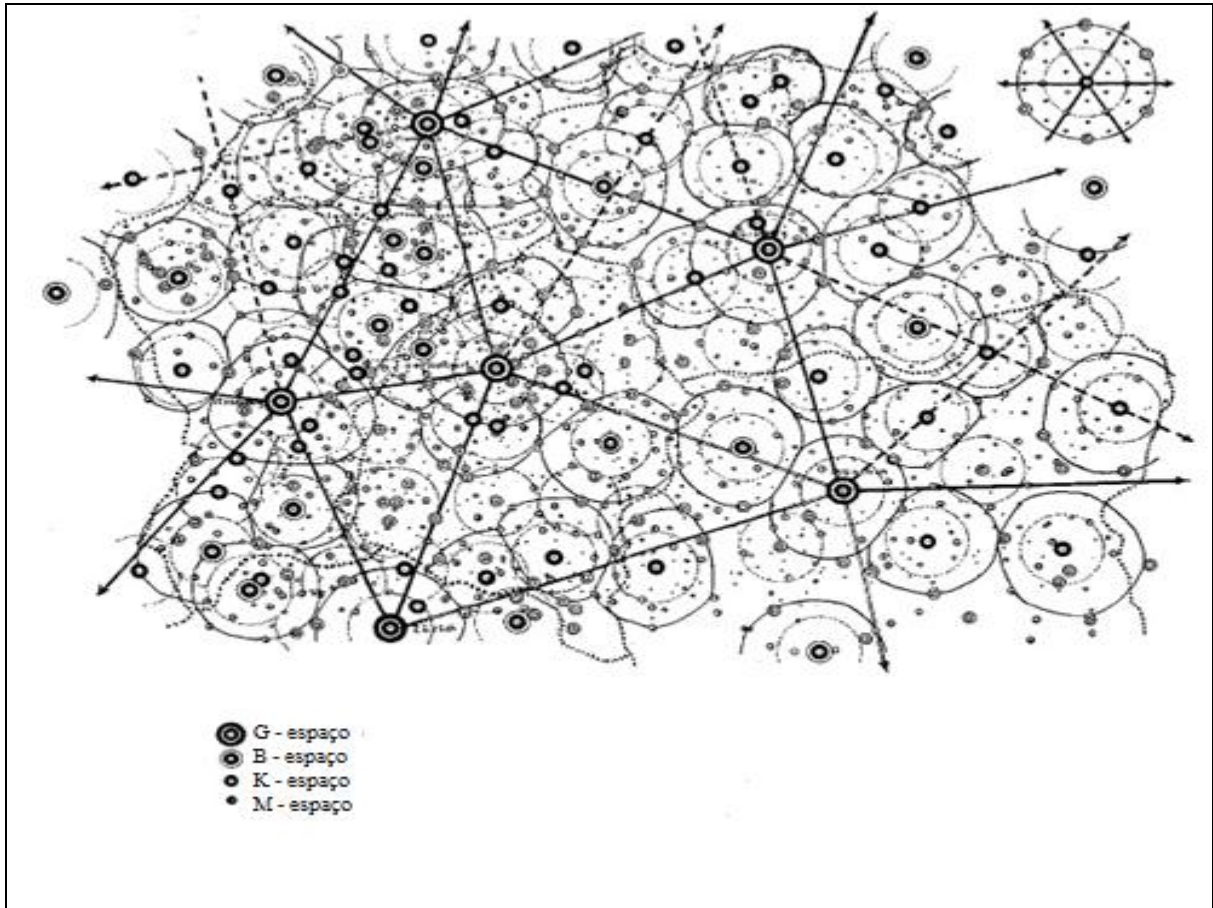
Neste processo de analisar a influência dos centros urbanos, se analisou a importância de mecanismos de alcance espacial máximo e mínimo. Assim, definiu-se a área de influência ou a área de mercado de cada centro, sendo que quanto mais próxima do centro, maior a importância e influência que sofre da região central. O contrário ocorre quando, quanto mais afastada fica do centro menos a região é influenciada pelo centro se tornando uma região menos atrativa devido à dificuldade ao acesso a inúmeros serviços disponíveis nos maiores centros (CHRISTALLER, 1966).

Assim, Christaller (1966), desenvolveu a teoria de que alguns centros urbanos apresentam diferenciação hierárquica com relação a outros centros, onde aglomerados com maior poder hierárquico abrangem uma maior área de influência, sendo que regiões com menor destaque e importância são subordinados de regiões maiores por depender de seus serviços. Estas redes de maior e menor importância de um centro e outro se estabelecem devido às vantagens locacionais, as economias de aglomeração e aos mecanismos de alcance espacial máximo e mínimo.

Na Figura 3, se analisa a organização dos locais e sua influência sobre o mesmo. Assim sendo, com base nas considerações elencadas anteriormente se apresenta como seria a organização das cidades, cada qual conforme a sua importância. De acordo com a teoria de Christaller (1966), cada centro possui uma influência de acordo com o seu grau de

importância sendo que o centro pode ter maior ou menor importância conforme a distância, a qualidade e rapidez dos meios de transporte para outros locais, entre outros.

Figura 3 - Teoria da Centralidade



Fonte: LIMA (2012)

Na Figura 3, se destaca a classificação feita pelo autor, sendo que a classificação ocorre pelo grau G, B, K, M, conforme a sua importância. E para Christaller (1966), um centro exerce influência conforme sua capacidade de atender ao mercado em três pontos principais que seriam: mercado, administração e transporte.

Assim, segundo Lima (2012), a influência de um local varia de 04 a 60 km. Devido às transformações e modernização dos meios de comunicação e de transporte, a influência de um centro pode ser maior. Ainda segundo o autor, cada lugar possui sua hierarquia conforme o tamanho das relações de influência nas redes estabelecidas com outras cidades de menor porte.

O que forma o centro é a parte econômica, bem como, os serviços que o mesmo tem a oferecer. O que faz deste centro, um centro importante são os investimentos realizados nesta

região. Assim, a centralidade indica que existe uma gama de fatores responsáveis pela organização espacial econômica de regiões e territórios (LIMA, 2012).

A análise geográfica estrutural questiona a noção de mudança endógena, fator importante na teoria de Christaller, tanto por desconsiderar o papel do mercado atacadista na formação das cidades como pela teoria dos centros não considerar o comércio exterior e sua extensão geográfica (LIMA, 2012)

Todavia, esta teoria possibilita informações importantes em sua base teórica, porque a localidade central produz e induz grande volume de bens, serviços e de populações na rede urbana. Por outro lado, o interesse por esta abordagem serve para mostrar as cidades ou centros urbanos de maior porte muito diversificadas, enquanto que as cidades pequenas em mesorregião de pequenas cidades, não conseguem ter uma distribuição melhor de seus bens, serviços e população.

No capítulo seguinte, verifica-se a economia paranaense através de uma análise de dados, onde se constata as regiões com maior, média e menor potencial no Estado do Paraná.

4 A ECONOMIA PARANAENSE E SEU CRESCIMENTO ECONÔMICO

A economia paranaense se iniciou com a extração ervateira, sendo que sua produção era voltada para o abastecimento externo, tendo como um dos principais consumidores a Argentina. Além da produção da erva mate, havia a extração de madeira e a pecuária que auxiliavam na economia estadual. Apesar destas outras fontes de renda, o ciclo ervateiro era a principal fonte econômica do estado até a década de 1920 quando se iniciou no estado a produção do café (PADIS, 1981).

O café entrou no estado através de migrantes paulistas, que se instalaram nas regiões do Norte Pioneiro e Norte Central. Sua produção, desde a década de 1930, foi basicamente de pequenas propriedades principalmente da produção familiar. Sendo a produção mais de caráter familiar aliado ao solo fértil, que proporcionava a maior rentabilidade na produção, auxiliaram para que as plantações de café crescessem no estado (TRINTIN, 2001).

Outras culturas agrícolas também já haviam adentrado ao estado, sendo estas, o milho, feijão, arroz e o algodão.

Desta forma, a economia paranaense foi alavancada pelo setor agrícola, sendo que até a década de 1940 à indústria se encontrava estagnada, e passou por avanços impulsionados pela produção cafeeira.

A partir da década de 1960, ocorreu a introdução do cultivo da soja. Sendo esta uma cultura considerada moderna e considerando que o preço da soja no mercado externo estava em ascensão, o governo passou a incentivar o cultivo desta oleaginosa (TRINTIN, 2001).

Assim a soja adentrou no estado através de incentivos governamentais para a produção da oleaginosa para exportação, substituindo culturas como o café, que estava em crise devido a sucessivas geadas que haviam dizimado com os cafezais do estado, e também o algodão.

A partir da década de 1970 ocorreu a modernização agrícola, e com ela a intensificação do uso do solo. A mão de obra foi substituída por máquinas agrícolas, e as indústrias cooperativas se instalaram pelo interior do estado para suprir as necessidades do setor primário, que estava em expansão. Com isso grande massa populacional ficou desempregada no campo e se dirigiu para centros urbanos em busca de emprego. Desta forma, o estado que era predominantemente agrícola passou a depender mais dos centros urbanos (RIPPEL, 2005).

Na década de 1980, o país passou por crises econômicas, com isso o Paraná teve seu crescimento limitado. O crédito rural que na década de 1970 era abundante foi reduzido e o

mesmo ocorreu com os subsídios agrícolas. Apesar destes cortes de auxílio monetário ao setor primário, este setor não demonstrou ser muito afetado, pois, a cana-de-açúcar que movia grande parte do capital agropecuário manteve o seu crescimento. O setor industrial através das indústrias de alimentos e química estava se expandindo, o que auxiliou na economia paranaense no período (SCHMIDTKE; BRAUN; STADUTO, 2007).

A partir dos anos de 1980, o Paraná passou a se destacar em duas áreas específicas, sendo a modernização da agricultura juntamente com a agroindústria e as indústrias não ligadas ao setor primário. Assim, o Paraná foi dividido em duas economias: a do *agrobusiness*, que representa as atividades que inicialmente foram instaladas no Estado, ou seja, o agronegócio, e que estimularam a formação das agroindústrias e das inúmeras cooperativas, economia essa representada por todo o interior do Paraná. E a segunda economia que é a urbana, surgiu após investimentos realizados principalmente na Região Metropolitana de Curitiba, alterando a sua base produtiva e se desligando da agroindústria que prevalecia até então, para se direcionar à indústria nacional (indústria metal mecânica e de bens duráveis), que se concentrava em São Paulo (ROLIM, 1995).

Mediante a argumentação do citado Rolim, percebe-se que a agricultura tem grande importância no desenvolvimento do Paraná, uma vez que foi a economia que impulsionou a ocupação de boa parte do estado, responsável por gerar empregos, fazer girar a economia estadual como um todo e propulsora da agroindústria (PIFFER, 2009).

Por ser grande produtora de *commodities* e outros produtos (como suínos e frangos), a agropecuária paranaense estimulou a abertura de empresas e de cooperativas para atender a tamanha oferta de produtos primários. Assim, agroindústrias se instalaram ao longo de todo o Estado, tanto unidades de transformação de grãos, quanto, usinas para processamento de álcool e de açúcar, bem como empresas voltadas para o abate de frangos e de suínos e fabricação de seus derivados, empresas essas com destaque nacional e responsáveis por boa parte da exportação de alimentos do país (IPARDES, 2004).

Na década de 1990 ocorreu a abertura comercial. Com isso as indústrias nacionais perderam mercado, pois havia mais concorrência que batia tanto em valor quanto em qualidade. Então ocorreu uma reestruturação na indústria nacional para que a mesma permanesse no mercado. Nesta mesma década o estado do Paraná alavancou o crescimento econômico através de benefícios gerados por políticas públicas adotadas no país naquele período. Com a implantação do Plano Real, o fluxo monetário no estado se elevou. O Estado paranaense, da mesma forma como ocorreu com outros estados, recebeu incentivos fiscais que acabou atraindo várias indústrias, especialmente no setor químico e metal-mecânico. Isto

auxiliou para que o perfil econômico do Estado mudasse e a industrialização paranaense desse um salto (STADUTO; TREVISOL; JONER, 2004).

Com isso ocorreu uma mudança na estrutura industrial. A indústria de bens duráveis e metal-mecânica ganhou espaço e se fortaleceu, enquanto a indústria alimentar e de bens não duráveis perdeu participação (TRINTIN, 2006).

O processo de industrialização no Brasil foi condicionado fundamentalmente à integração produtiva do espaço econômico, produzindo o surgimento de mercados regionais fornecedores de matérias-primas e demandantes potenciais de manufaturados. Essa integração se deu, no entanto, de forma desigual, dependendo de fatores como localização geográfica, proximidade aos grandes centros industriais do país (principalmente São Paulo), modo de ação das economias regionais, estímulo das políticas públicas e o papel das burguesias industriais em impor medidas de descentralização industrial (VASCONCELOS, 1999).

Desta forma, no próximo capítulo aponta-se análises de dados econômicos que demonstram quais regiões apresentam melhor desempenho no Estado do Paraná.

5 ANÁLISE DOS DADOS ECONÔMICOS

5.1 ANÁLISE DOS DADOS DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

Neste capítulo procede-se uma análise dos dados de importação e exportação buscando as mesorregiões que mais estreitam suas relações com outros países, por meio da importação e exportação de mercadorias. Da mesma forma, analisar quais são as mesorregiões que mais atraem capital externo e quais são as que mais levam capital interno para fora do país através das importações, ou seja, verificar que dentre as mesorregiões são as que fazem fronteira com algum grande centro, que impulsionam o crescimento econômico do Estado do Paraná.

Tão importante quanto analisar quais as mesorregiões que mais se destacam nas relações internacionais, também é apontar as que tiveram um maior crescimento no período de 2005 a 2012, que será o período de análise dos dados de importação e exportação de bens e serviços.

Segundo Piffer (2009), o Paraná diversificou sua estrutura produtiva, deixando de ser produtor exclusivamente agrícola e passou a investir na base de exportação. Com isso ocorreu crescimento de atividades de base, que proporcionaram o crescimento da economia regional.

O Paraná possui uma produção variada, de acordo com cada mesorregião, sendo forte na agroindústria como exportadora de *commodities* como da soja e milho e produtos como carne de frango e suína dentre inúmeros outros produtos. Além de exportadora de produtos industrializados que se localizam em especial em algumas regiões, como: a Região Metropolitana de Curitiba, além de Londrina, Maringá, a capital paranaense e outras.

Paranaguá é beneficiada com a localização do Porto de Paranaguá, devido a sua fronteira com o mundo. Este é um dos portos mais importantes do país com grande valor agregado, o que faz com que a cidade seja a que mais arrecada nas transações de exportação. Realizando uma análise na Tabela 1, percebe-se que a mesorregião de Curitiba é a maior exportadora do Paraná. Esta região teve sua industrialização impulsionada por inúmeros incentivos governamentais, pela CIC – cidade industrial de Curitiba e região, o que tornou a região metropolitana de Curitiba e a capital, atrativas a investidores. Assim, devido ao forte setor metal mecânico e químico instalado na região, a mesma possui uma vasta diversidade de indústrias exportadoras que geram riqueza assim como o porto de Paranaguá que agrega valor por ser a ponte final entre o vendedor e o comprador estrangeiro. Nesta mesorregião as exportações deram um salto nos últimos anos, de aproximadamente 165% entre os anos de

2005 a 2012. No entanto, a área de fronteira da mesorregião Norte Central paranaense, apresentou no período de 2005 à 2012 um crescimento expressivo de 505%, maior que o crescimento apresentado pela região metropolitana de Curitiba no período.

Seguindo a análise das mesorregiões com maior destaque, a mesorregião Norte Central é a segunda maior exportadora do Paraná. Tendo sua mobilidade facilitada pela construção de acessos viários, esta mesorregião foi beneficiada pela instalação de uma rede industrial de transformação de produtos primários, como a de grãos e abate de frangos. Apesar de possuir uma representatividade forte na agroindústria, o que mais se destaca nesta região são as indústrias agroquímicas, de artefatos e embalagens localizadas principalmente nas cidades de Londrina e Maringá, fazendo com que esta região seja um importante polo para a geração de empregos e renda. Sendo que as exportações desta mesorregião deram um salto dos anos de 2005 comparados aos anos de 2012.

Outra região de destaque nas exportações é o Centro Ocidental que possui como cidade de destaque a de Ponta Grossa. Esta região se beneficiou pela proximidade do Porto de Paranaguá e pelo entroncamento rododiferroviário de Ponta Grossa, que auxiliou na instalação de indústrias de transformação de grãos e fabricação de fertilizantes. Outra indústria de destaque são as papelarias e o complexo madeireiro que tem grande força devido à abundância de matéria prima. Apesar de se destacar nas exportações, esta mesorregião não obteve grande aumento no valor exportado entre os anos de 2005 e 2012.

Como quarto maior exportador aparece a mesorregião Oeste. Por estar localizado nas margens do chamado corredor do desenvolvimento, Cascavel foi beneficiado pela instalação de inúmeras indústrias que exportam suas mercadorias, que se instalaram nesta região devido a facilidade de escoamento. Outro setor importante na região são as agroindústrias que exportam carne suína e de frango, além das *commodities* que são o forte nesta mesorregião. Conforme se vê na Tabela 1, suas exportações mais que dobraram em relação aos anos de 2005 e 2012.

O Oeste paranaense faz divisa com o Paraguai e a Argentina, por onde ocorrem transações de compra e venda. A Argentina é a segunda maior exportadora para o Paraná, sendo que a facilidade da divisa terrestre auxilia nas transações de exportação/importação.

Além das divisas terrestres entre Brasil, Argentina e Paraguai, ainda existe a ponte de acesso que liga os países e facilitam o deslocamento entre um país e outro, gerando um fluxo de mercadorias, bens e serviços e para a exportação pelo anel viário.

Devido a esta facilidade de acesso entre estes países, ocorre a entrada de mercadorias na forma de descaminho ou contrabando. Apesar de a polícia de fronteira e a receita federal

fiscalizarem as rotas principais de acesso a esta tríplice fronteira o mesmo persiste. Em 2011 a apreensão de mercadorias contrabandeadas no Paraná, pela receita federal, ultrapassou os 20 milhões. Estas fronteiras também são utilizadas como uma via fácil para o narcotráfico, o que pode gerar um enclave para o desenvolvimento (MDIC, 2013).

Ainda de acordo com a Tabela 1, a mesorregião Norte Pioneiro apresentou grande evolução no seu quadro exportador sendo que no período analisado seu crescimento girou em torno de 300%. Sendo esta região dotada da maior concentração de usinas sucroalcooleiras do Estado do Paraná, bem como possui a única usina de carvão vegetal do Estado, além de produção agropecuária.

Tabela 1 - Exportação por mesorregião no Estado do Paraná - 2005 a 2012 (em bilhões de Reais).

Ano Mesorregião	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Varição 05/12
Metropolitana de Curitiba	12.3	12.06	15.2	17.7	13.3	16.6 bi	19.9	20.3	165%
Norte Central	1.8	2.5	2.6	3.8	3.7	6.5	8.7	9.1	505%
Centro-Oriental	1.9	2.4	3.2	4.1	2.7	2.7	3.5	3.3	173%
Oeste	1.09	1.1	1.7	2.3	1.9	2.2	2.6	2.3	211%
Norte Pioneiro	0,250	0,314	0,369	0,498	0,497	0,462	0,748	0,782	312%
Noroeste	0,227	0,309	0,377	0,554	0,538	0,502	0,446	0,525	231%
Centro Sul	0,257	0,243	0,274	0,463	0,515	0,261	0,222	0,510	198%
Sudoeste	0,440	0,346	0,366	0,361	0,295	0,398	0,386	0,465	105%
Sudeste	0,320	0,382	0,500	0,332	0,302	0,218	0,328	0,214	-66%
Centro Ocidental	0,141	0,146	0,190	0,321	0,214	0,263	0,346	0,174	0,12%
Total	18.9	19.9	24.9	30.6	24.1	30.3	37.4	37.8	200%

Fonte: Elaborado pela autora, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2013).

As exportações do estado são muito variáveis de um ano para o outro. No período analisado, conforme aponta a Tabela 1, se mantém um cenário de crescimento de 2005 até 2008, já em 2009 a economia exportadora sofre uma queda acentuada vindo a se recuperar novamente em 2010, mantendo um ritmo gradativo de crescimento.

Analisando todo o período de 2005 e 2012 verificou-se um saldo positivo de exportação, sendo que na comparação do valor exportado em 2005 para o valor exportado em 2012, percebe-se uma variação positiva das exportações em praticamente 200%.

Apesar de o Paraná ter elevado suas exportações, os produtos oriundos do agronegócio como a soja, vêm ocupando a primeira colocação como a mais exportada pelo estado. Outro destaque é para os materiais e transporte e o complexo da carne, frango, suíno, bovino entre outros. Produtos estes que ocupam as primeiras colocações no quesito das

exportações paranaenses. Visto que a maior parte dos produtos exportados possui baixo valor agregado, devido sua condição de produto primário ou "*in natura*", o Estado fica em desvantagem na balança comercial internacional, pois, a sua importação valorizada pelo mercado é a dos produtos de alto valor agregado, ou seja, dos industrializados.

Sendo a região metropolitana de Curitiba a mesorregião mais exportadora do estado do Paraná, buscou-se, conforme a Tabela 2, entender quais os municípios desta mesorregião possuem maior volume nas exportações e qual a importância que tem Paranaguá e seu Porto para o crescimento desta mesorregião. Desta forma, percebeu-se que Paranaguá é responsável por cerca de 25% do produto exportado pela mesorregião metropolitana de Curitiba, sendo que seu valor final na exportação supera a capital Curitiba.

Embora o município de Curitiba tem maior volume de exportação, o destaque apresentado neste período foi o município de Araucária com 340% seguido por Paranaguá com 237%.

Tabela 2 - Exportação dos municípios mais exportadores da Região Metropolitana de Curitiba (em bilhões de Reais).

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	% de 05/12
Paranaguá	2,12	2,04	2,97	4,05	3,66	4,14	4,94	5,03	237%
São José dos Pinhais	1,6	1,3	1,7	1,7	1,3	1,9	1,9	1,89	118%
Curitiba	1,66	1,50	1,71	2,20	1,09	1,45	1,77	1,72	103%
Araucária	0,44	0,59	0,93	0,87	0,55	0,7	1,4	1,5	340%
Lapa	0,039	0,032	0,041	0,063	0,06	0,11	0,1	0,09	230%

Fonte: Elaborado pela autora, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2013).

Apesar de Curitiba possuir um polo industrial e exportador forte, Paranaguá supera a capital no valor final exportado, pois, na mesma está localizado o porto, como os produtos exportados, no Paraná, passam em sua maioria pelo porto de Paranaguá, a cidade se beneficia das transações de venda, mesmo não sendo necessariamente a maior produtora de produtos para exportação no Estado. Assim Paranaguá se beneficia de seu Porto para gerar riqueza.

Outro município de destaque na exportação é São José dos Pinhais que a partir de 2009 se apresenta a frente da capital Curitiba no valor das exportações. Entre as 5 maiores exportadoras ainda se apresenta, Araucária e Lapa.

A Tabela 3 aponta as mesorregiões com o maior volume de importações no estado. A mesorregião de Curitiba possui um consumo por bens importados maior pois é uma região

industrializada e inúmeras de suas atividades demandam de importação de produtos, equipamentos e peças para a indústria da mesma forma que, por ser uma região rica, com volume de capital e renda, o consumo por produtos importados tende a ser maior. Assim analisando a Tabela 3 percebe-se que esta mesorregião aumentou seu consumo por produtos importados em mais de 400% entre os anos de 2005 a 2012. O mesmo ocorre com a mesorregião Norte Central, que também se destaca por sua importação e pelo aumento do valor das importações no período analisado, aumento este que girou em torno de 300%.

Isto se justifica devido à industrialização de produtos destas mesorregiões, bem como, ao aumento do poder aquisitivo da população e principalmente devido à crise mundial que fez com que o preço do dólar baixasse, (em janeiro de 2005 o preço do dólar no Brasil era em média 2,50 e em 2012 este valor baixou para uma média de 1,90 (ÍNDICE BOVESPA)), com esta queda do dólar os produtos importados se tornaram mais atrativos no mercado nacional. Este aumento se destaca principalmente na compra de bens de consumo, uma vez que a partir de 2005 o valor total das importações em bens de consumo se elevou em cerca de 460%. Seguido pelo aumento das importações de bens de capital que sofreu um aumento de mais de 300%. Isso ocorreu devido à alta do real frente ao dólar, que tornou as compras externas mais atrativas comparadas a outros períodos, onde a moeda estrangeira estava valorizada.

Com este aumento de importação dos bens de consumo, a indústria estadual sofreu queda nas suas vendas, pois seus produtos foram substituídos pelos importados, além de ter diminuído as vendas de produtos finais para o exterior. Desta forma, percebeu-se que no Paraná, apesar de ter ocorrido uma elevação na exportação, diminuiu a negociação externa de produtos finais, ou seja, o estado voltou a ser um exportador primário. Com isso, o valor agregado das exportações diminuiu, fazendo com que o valor final entre exportação e importação praticamente se igualasse, diminuindo o lucro das empresas nacionais oriundas das suas exportações de suas mercadorias.

Tabela 3: Importação por mesorregião no Estado do Paraná - 2005 a 2012 (em bilhões de Reais).

Ano Mesorregião	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Varição de 2005 a 2012
Metropolitana de Curitiba	6.91	9.44	14.4	23.7	15.29	22.4	30.7	30.8	445%
Norte central	0,93	1.08	1.26	1.77	1.34	1.9	2.28	3.1	333%
Oeste	0,30	0,34	0,51	0,86	0,80	0,93	1.14	1.4	466%
Centro-oriental	0,26	0,27	0,57	0,64	0,35	0,35	0,94	0,852	326%
Sudoeste	0,053	0,098	0,12	0,29	0,29	0,33	0,32	0,40	754%
Norte Pioneiro	0,044	0,030	0,046	0,082	0,076	0,13	0,15	0,18	409%
Sudeste	0,026	0,023	0,058	0,14	0,045	0,066	0,13	0,16	615%
Noroeste	0,056	0,068	0,111	0,12	0,077	0,084	0,098	0,103	183%
Centro Ocidental	0,010	0,016	0,027	0,056	0,043	0,047	0,059	0,091	910%
Centro Sul	0,069	0,068	0,13	0,21	0,15	0,061	0,13	0,074	107%
Total	8.6	11.4	17.2	27.95	18.4	26.4	36.01	37.2	432%

Fonte: Elaborado pela autora, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2013).

Em terceiro lugar se destaca pelo valor das importações a mesorregião Oeste paranaense. A evolução nas importações cresceu cerca de 450% entre os anos de 2005 a 2012, isso mostra que a região passou a depender muito mais dos produtos oriundos de outros países. Isto ocorre, pois, apesar de ser uma região diversificada com inúmeras indústrias, tanto de siderurgia, metal/mecânica, medicamentos, alimentares entre outras, é uma região que se destaca pela agricultura, com inúmeras agroindústrias, sendo a maior produtora de soja, milho e de carne suína e aves do Estado do Paraná.

É uma região que se destaca na produção de *commodities*, principalmente agropecuários. Por sua vez faz forte uso de produtos químicos para controle de pragas, bem como, para adubar o solo de forma a aumentar a produtividade das lavouras. Desta forma, não apenas o Oeste paranaense, mas, todas as regiões que fazem uso da agropecuária possuem grande parcela de contribuição na importação de produtos químicos utilizados pela agricultura e pecuária em geral. Esses são na sua maioria insumos agrícolas como no caso, de defensivos, herbicidas, fertilizantes, fungicidas entre outros.

Por ser utilizado de forma intensa em todo o Estado, e por ser um produto que, na sua maioria, não é produzido nacionalmente, os produtos químicos são os primeiros colocados no *ranking* dos produtos mais importados pelo Paraná.

Outra região em destaque, no quesito importação, é a mesorregião Centro Oriental. Esta região ocupa o quarto lugar entre as mais importadoras do estado, sendo que no período analisado teve uma elevação nas importações de cerca de 320%, esta elevação segue uma tendência que ocorreu em todo o Estado.

Dentre as mesorregiões que mais se destacaram no aumento de suas importações está a mesorregião Sudoeste, que no período analisado teve uma elevação de cerca de 750%, seguido pela região Sudeste que ascendeu sua importação em cerca de 620%. Analisando o Estado como um todo, sua importação total superou a marca dos 400% dentre os anos de 2005 e 2012. Sendo que, dos produtos mais importados, em primeiro lugar encontram-se os produtos químicos, seguido por material de transporte, mecânica, petróleo e derivados e outros.

Na Tabela 4 verificaram-se as importações referentes aos principais municípios importadores da região Mesorregião de Curitiba. Comparando a Tabela 3 com a Tabela 4 percebe-se que Pinhais com 15% das importações, se destaca como o maior importador desta mesorregião no ano de 2012 enquanto Curitiba é responsável por 14% da importação de toda a sua mesorregião. Por sua vez que Paranaguá é responsável por mais de 6% das importações.

Sendo a Região Metropolitana de Curitiba concentradora de indústrias e de movimentar grande volume de capital, financeiro e material, além de possuir inúmeras indústrias que necessitem de produtos importados para as suas plantas industriais, faz com que seus municípios sejam fortes absorvedores de produtos importados. Apesar de a capital do Estado ser Curitiba e esta cidade possuir grande fluxo de capitais, o município com maior importação, de 2008 em diante, nesta grande região é Pinhais, seguido por São José dos Pinhais. Curitiba se apresenta em terceiro lugar como maior exportadora da região.

Por outro lado, Paranaguá, apesar de possuir um volume de indústrias no seu território, se beneficia da riqueza gerada pelo porto, o que faz com que esta cidade tenha a mais importante fronteira do Paraná, e absorve parte da renda gerada nas transações de compra e venda de bens e serviços com o resto do mundo.

Ao analisar a evolução nas importações, no período, vê-se que São José dos Pinhais, foi o município que mais cresceu o volume de importações uma vez que seu crescimento foi de 556% no volume de compra dos outros países.

Tabela 4 - Dados de importação dos municípios mais importadores da Região Metropolitana de Curitiba (em bilhões de Reais).

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Varição 05/12
Pinhais	1,08	1,1	1,9	3,05	3,4	5,4	5,9	5,1	472%
São José dos Pinhais	0,9	1,1	1,9	2,7	2,3	3,3	4,7	5,01	556%
Curitiba	1,2	1,44	2,2	3,1	2,4	3,78	4,7	4,44	370%
Araucária	0,7	1,4	1,9	3,5	1,5	2,3	3,2	3,2	475%
Paranaguá	0,38	0,46	0,97	2,26	1,029	1,19	1,98	1,93	507%

Fonte: Elaborado pela autora, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2013).

Dentre os países que mais exportam para o Paraná está a China, Argentina e Nigéria, sendo este último o responsável pelo abastecimento de petróleo no Estado. Estas operações de importação e exportação estão diretamente ligadas com o PIB de uma região. Assim quanto maior forem as exportações, mais as empresas estarão ganhando e conseqüentemente o governo também, por meio da arrecadação de impostos, bem como pode haver maior número de postos de trabalho, e população empregada. Por outro lado, para que uma empresa ou a população possa importar, é preciso que tenha renda disponível, e isso se dá com empresas tendo crescimento de seu capital, faturamento, através de maiores lucros e mais empregos melhor remunerados.

Para que as transações de compra e venda, ocorram, é necessário que haja viabilidade econômica e isto inclui o valor cobrado pelo frete utilizado para levar a mercadoria até o seu destino final. Desta forma, no próximo item faz-se uma análise do custo que cada mesorregião tem, incluindo pedágios, para poder transportar a sua produção. A análise dos custos dos transportes foi utilizada como forma de perceber os custos de transação de mercadorias até o Porto de Paranaguá, bem como, analisar os setores mais dinâmicos da fronteira, ou seja, da divisa do estado do Paraná com outros Estados e países e com o resto do mundo através do porto, que é a maior fronteira portuária de bens e serviços do Paraná.

5.2 ANÁLISE DOS CUSTOS DE TRANSPORTE

Outro fator que contribui para o crescimento de uma região é a sua localização e o custo do transporte. Pois para investir em uma determinada região, o empresário analisa todos os pontos positivos e negativos, bem como, tenta auferir o maior lucro possível. Como o Paraná possui um dos maiores portos do país, as empresas exportadoras buscam se instalar em locais estratégicos que facilitem o acesso ao porto de Paranaguá, pois, desta forma o

escoamento da produção é mais fácil e barato, facilitando a logística da produção. Com isso, regiões onde o custo de transporte até o Porto for menor pode se tornar mais atrativo para novos investimentos.

A análise sobre o custo de transporte de cada região até o Porto de Paranaguá identificou as regiões que podem ter como vantagem locacional e com o menor custo de transporte.

Ao analisar a média do pedágio nas principais BRs que cruzam o estado do Paraná, percebe-se que há uma discrepância nos valores cobrados de uma BR para outra. Conforme Tabela 5, a BR 277, na média, possui os pedágios mais caros de todo o país. Sendo que uma carreta seis eixos ao cruzar o estado por esta rodovia pagará, na média, R\$ 48,55 (quarenta e oito reais, cinquenta e cinco centavos) em cada praça de pedágio.

Para sair de Foz do Iguaçu e chegar até Paranaguá, um veículo passa por dez praças de pedágio, encarecendo o transporte de produtos e serviços, tornando a região menos atrativa devido ao custo do frete.

Da mesma forma, tem-se a BR 369, que faz ligação entre São Paulo até Cascavel. Esta BR possui a segunda maior média no valor de pedágios no Estado. Com uma média de R\$ 47,04 (quarenta e sete reais e quatro centavos) por praça de pedágio para o veículo analisado. Esta rota encarece o transporte de mercadorias para os que necessitam utilizá-la para escoamento de produção e mercadorias em geral, fracionadas ou não.

Tabela 5 - Custo de pedágio nas principais rodovias que cruzam o Estado do Paraná⁴.

BR 277	R\$ 48,55
BR 369	R\$ 47,04
BR 376	R\$ 40,30
BR 151	R\$ 33,90

Fonte: Governo do Estado do Paraná

Apesar de algumas rodovias terem na média um pedágio mais barato, para que ocorra o escoamento de suas mercadorias via Paranaguá, as cargas precisam passar pela BR 277, que na serra possui o pedágio mais alto de todo o estado, sendo cobrado R\$70,80 (setenta reais e oitenta centavos) por uma carreta com seis eixos.

⁴ Média calculada para carreta de 6 eixos pelo trajeto de cada rodovia paranaense pedagiada, desde seu início até o destino final que neste trabalho é o Porto de Paranaguá. Para tanto, somou-se todos os pedágios cobrados em cada trecho e dividiu-se pelo número de pedágios ali existente.

Devido a média do custo de uma carga de *commodities* para cruzar o Estado por mesorregião, algumas regiões se tornam mais atrativas, pelo valor do frete do transporte, como por exemplo, a Região Metropolitana de Curitiba, no entanto já em outras o transporte encarece sobremaneira, devido os altos preços cobrados.

Apesar das rodovias estaduais pedagiadas terem condições de tráfego, geralmente, melhor que as não pedagiadas, o custo acaba sendo muito elevado. Para as empresas exportadoras, o custo alto do transporte pode ser um entrave, uma vez que reduz seus lucros.

Na Tabela 6, vê-se que algumas regiões no Estado do Paraná possuem vantagem locacional comparado a outras. Isto ocorre devido a fatores como, distância, custo de transporte, entre outros. Um alto custo para realizar o transporte intraestadual de suas mercadorias pode tornar uma região menos atrativa para novos investimentos.

Tabela 6 - Custos dos transportes, por mesorregião paranaense até o Porto de Paranaguá - 2010.

Mesorregião	Valor pedágio R\$ ⁵	Valor médio do frete R\$	Distancia km	Custo total do Frete
Oeste	485,40	1815	595	2300,40
Centro Ocidental	403,20	1815	560	2218,20
Norte Central	279,60	1815	489	2084,60
Noroeste	352,20	1815	665	2167,20
Metropolitana	73,80	1815	93	1888,00
Centro Sul	249,60	1815	359	2064,60
Centro Oriental	153,60	1815	216	1968,60
Norte Pioneiro	376,20	1815	492	2191,20
Sudeste	159,60	1815	256	1974,60
Sudoeste	294,60	1815	452	2109,60

Fonte: Elaborado pelo autor segundo dados do Governo do Estado do Paraná.

Conforme os custos apontados na Tabela 6, percebe-se que a Região Metropolitana de Curitiba, possui vantagens locacionais, devido a sua proximidade com o porto, que leva as mercadorias para o resto do mundo. Por ter esta proximidade, seus custos de transporte são inferiores às demais regiões.

Da mesma forma, a mesorregião Centro Oriental se destaca por sua localização. Por estar próximo da Capital e todo seu complexo industrial, a região Centro Oriental, mais especificamente Ponta Grossa foi beneficiada pelo efeito de espraiamento da região metropolitana de Curitiba. Além disso, possui vantagens locacionais devido à proximidade

⁵ Valor do pedágio para uma carreta 6 eixos.

com o porto de Paranaguá, que torna menor o custo do transporte de suas mercadorias para o resto do mundo.

Ainda analisando a Tabela 6, vê-se que, apesar de estar afastada da capital, a mesorregião Norte Central se beneficia do valor dos pedágios que, apesar de bastante oneroso, fica bem abaixo do cobrado por outras mesorregiões como a do Oeste do Paraná, que possui uma das rotas mais caras do Estado, visto a quantidade de pedágios e o valor cobrado pelos mesmos.

Com esta análise pode-se perceber que empresas que buscam maximizar seus lucros e minimizar seus gastos com transporte visando um contato maior com a Capital ou o Porto de Paranaguá, tendem a se instalar nos arredores da região metropolitana de Curitiba, ou regiões que ofereçam um custo de transporte menor.

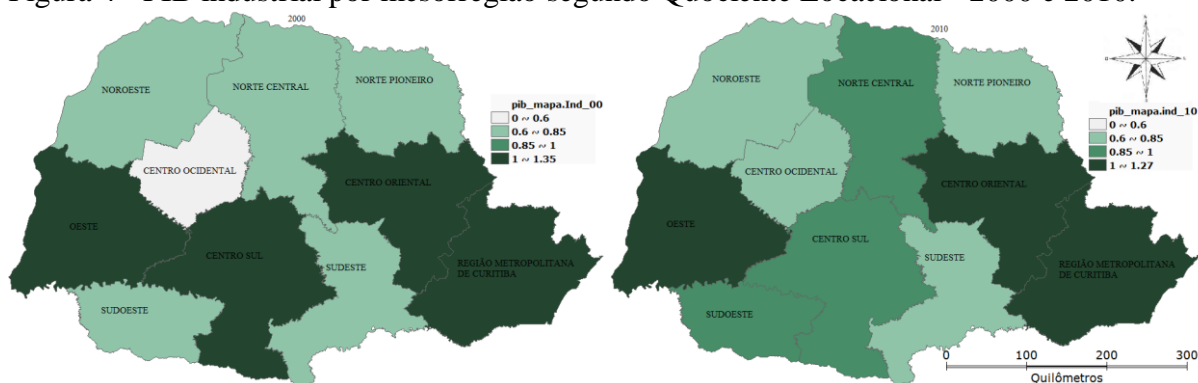
Nas regiões com um custo mais elevado de transporte, há um enclave que ocorre devido ao custo de transação, o qual pode ser minimizado por incentivos governamental, tanto estadual quanto local, para que haja maior interesse das empresas em se instalar nestas regiões que possuem um custo de transporte maior. Assim, para avaliar quais regiões tem melhores vantagens e para analisar quais setores são mais dinâmicos na geração de PIB e de emprego, analisa-se, no próximo capítulo, o resultado da análise *shift share*.

5.3 ANÁLISE REGIONAL DAS MESORREGIÕES

Com a intenção de identificar os setores mais dinâmicos nas mesorregiões, analisaram-se, neste capítulo os resultados obtidos do método de análise diferencial estrutural. Nele, foram analisados dados de PIB (produto interno bruto), de forma a identificar quais mesorregiões tem maior destaque; além de dados de emprego, para os setores primário, secundário e terciário, buscando levantar as regiões com maior dinâmica e os setores que mais contribuem para o crescimento econômico de cada uma das respectivas regiões do Estado do Paraná.

Com os incentivos governamentais voltados à Região Metropolitana de Curitiba nos anos de 1990, indústrias se instalaram nesta região formando a maior concentração industrial do Estado do Paraná. Além do setor industrial, a região também se fortaleceu com o setor de serviços. Percebeu-se conforme Figura 4 que a maior arrecadação do PIB nesta região gira em torno do setor secundário, que apresentou QL com valor maior que 1. Neste sentido há uma concentração maior das atividades produtivas (PIB) na região metropolitana de Curitiba.

Figura 4 - PIB industrial por mesorregião segundo Quociente Locacional - 2000 e 2010.



Fonte: Elaborado pela autora segundo dados do IPEADATA (2013).

Isto ocorre, pois, a região metropolitana é a concentradora de grande parte das indústrias do Estado, principalmente na CIC sendo estas, químicas, metal mecânico, dentre outras, que formam um complexo industrial. Além das indústrias, nesta mesorregião está concentrado o setor terciário, de forma que qualquer tipo de serviço necessário se encontra neste Centro. Esta análise se observa tanto no ano de 2000 quanto no ano de 2010, conforme Figura 4.

Considerando ainda o quociente locacional, percebeu-se que no ano de 2000, nas mesorregiões Oeste, Centro Sul e Centro Oriental o PIB, apresentou grande relevância no setor industrial. Isto porque nestas regiões o QL se apresentou maior que 1.

A mesorregião Centro Oriental, devido sua localização próxima à região metropolitana de Curitiba, e devido a estrutura montada urbano industrial, se beneficiou da irradiação do crescimento de Curitiba e da região. Sua industrialização está voltada principalmente para a transformação de grãos (soja), e na indústria química, mais precisamente a produção de fertilizantes. Desta forma o setor tende a se fortalecer, o que se confirma ao analisar que no ano de 2010 prevalece concentrado o PIB no setor secundário.

Já a região Oeste paranaense, a partir dos anos de 1970, passou por uma evolução no setor agroindustrial. Inúmeras cooperativas agroindustriais se localizaram nesta região, com a finalidade de absorver e escoar a crescente produção do setor primário. Além de fornecer insumos e equipamentos em geral para a agricultura e pecuária.

Além das agroindústrias, na região Oeste, tem as indústrias alimentares, química (remédios), bebidas, além do setor metal mecânico, atividade esta, instalada principalmente na cidade de Cascavel. Esta análise de concentração no setor industrial se verifica também no ano de 2010, indicando um fortalecimento no setor secundário nesta região.

Ainda analisando o ano 2000, como se observa na Figura 4, a mesorregião Centro Sul, apresentava concentração no PIB industrial proveniente da indústria madeireira e seus ramos de atividades. Este crescimento se deve a picos de safras e entre safras do corte da madeira, comum nesta região. Este resultado não se verificou mais nos anos de 2010 apontando que o setor deixou de ter concentração na região.

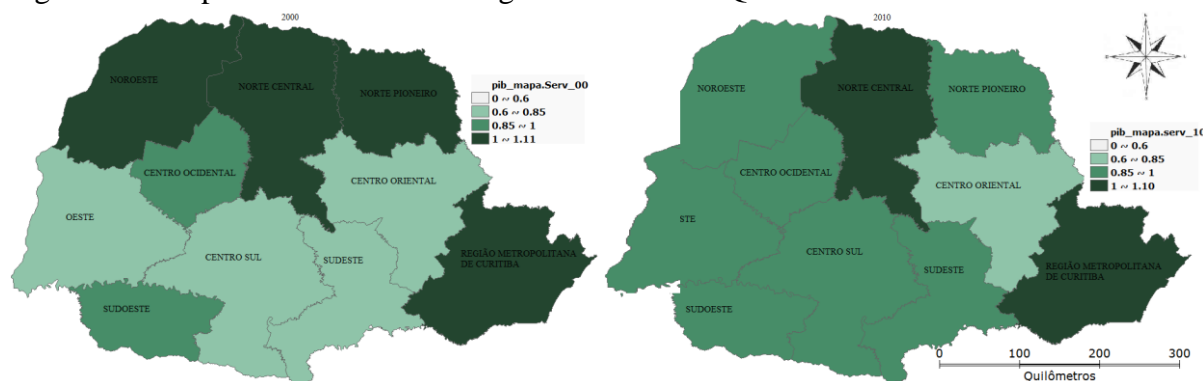
Com o crescimento do setor secundário, o setor terciário tende a ser impulsionado e crescer junto, pois quanto mais rica uma região maior será a presença dos diversos serviços do setor terciário.

A Figura 5 mostra que, a região metropolitana de Curitiba se manteve forte no setor terciário a exemplo do que ocorreu no setor secundário, sendo que seu QL se apresentou maior que 1, indicando a concentração neste setor de atividade.

A partir do século XX o setor terciário foi o que mais cresceu no mundo, sendo que fazem parte deste setor atividades como: saúde, educação, transporte, comércio, administrativo, dentre inúmeros outros.

No Paraná, se observa que as regiões mais ricas são as que possuem o setor terciário mais concentrado. Tanto nos anos de 2000 como no de 2010 a Região Metropolitana de Curitiba, que é o maior polo tanto industrial quanto de serviços, registra concentração neste setor.

Figura 5 - PIB para o setor terciário segundo análise do Quociente Locacional - 2000 e 2010.



Fonte: Elaborado pela autora segundo dados do IPEADATA (2013).

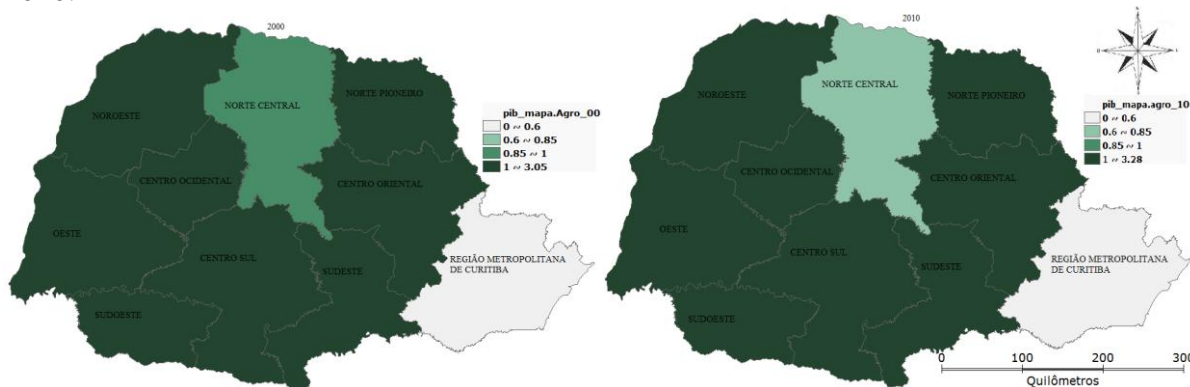
Da mesma forma, a região Norte Central se apresenta em destaque neste setor. Desta forma, pode-se perceber que quanto maior for a industrialização de uma região, maior será a prestação de serviços que se instalam para suprir as necessidades industriais e populacional.

Na comparação entre os anos de 2000 e 2010, percebe-se que no ano de 2010 as regiões Oeste, Centro Sul e Sudeste elevaram sua participação no PIB com o setor terciário,

apontando maior concentração. Enquanto o Noroeste e o Norte Pioneiro que apresentavam concentração em 2000, apontam que este setor decaiu no ano de 2010.

A Figura 6 aponta a concentração do PIB para o setor primário nas mesorregiões paranaenses. Com a modernização agrícola que ocorreu a partir da década de 1970, o Paraná passou a aumentar sua produção por meio de novas técnicas aplicadas. Desta forma, apesar de as áreas rurais perderem espaço para os meios urbanos, a produtividade do solo agrícola aumentou. Com isso o Estado se tornou um forte exportador de *commodities*, tanto em grãos, como soja e milho, como depois em carne de frango e suína.

Figura 6 - PIB por mesorregião para a agropecuária, segundo o Quociente Locacional - 2000 e 2010.



Fonte: Elaborado pela autora segundo dados do IPEADATA (2013).

Com este fortalecimento do setor agropecuário, que se observa tanto nos anos de 2000 quanto em 2010, se fortaleceram também as agroindústrias, que se instalaram em cidades estratégicas pelo Estado para dar suporte ao campo.

Desta forma, com exceção da região metropolitana de Curitiba e Norte Central que não apresentaram grau de concentração neste setor, as demais regiões todas se mostraram fortalecidas no setor primário. A Figura 6, mostra a concentração para o setor primário que se consolida, apontando que algumas regiões no Estado ainda se mantêm basicamente agrícolas.

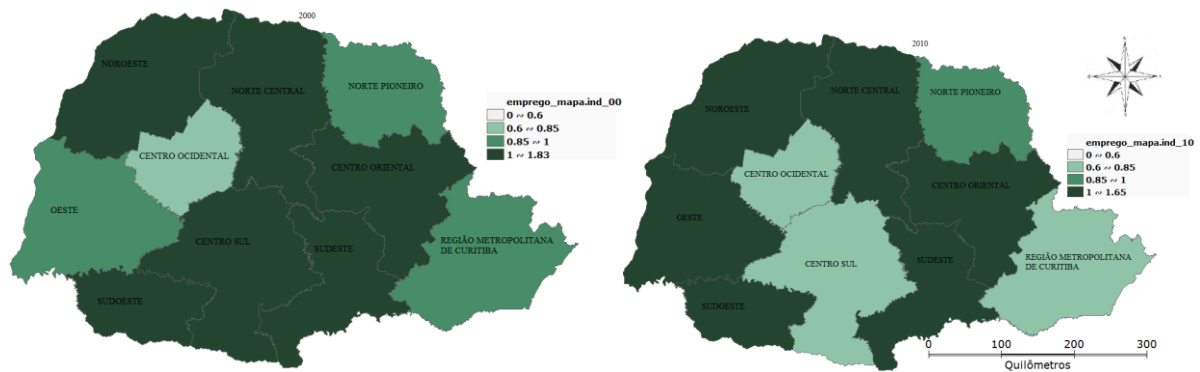
A análise do quociente locacional apontou que, o Estado do Paraná, embora tenha destaque na Região Metropolitana de Curitiba no setor industrial e de serviços, geograficamente este Estado ainda tem predominância no setor primário.

Com a evolução do setor industrial e do setor de serviços, a geração de empregos tende a aumentar. Na Figura 7, vê-se que o emprego está relativamente mais concentrado no setor industrial no ano de 2000. Apesar de algumas regiões não serem muito industrializadas,

as poucas indústrias que por ali se instalam ainda acabam sendo as maiores geradoras de empregos formais.

Já para o ano de 2010, percebe-se uma mudança de cenário, pois comparado com o Estado, algumas regiões deixaram de possuir concentração de emprego no setor industrial. O que não significa que a indústria tenha diminuído o número de funcionários, ou que a mesma tenha deixado de contratar, e sim que o total de empregos no setor industrial no Estado se elevou fazendo com que, na comparação Estado/região, a região deixe de apresentar concentração.

Figura 7 - Quociente Locacional - emprego indústria 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora, segundo dados da RAIS (2013).

A Região Metropolitana de Curitiba, apesar de ser a região mais industrializada do Estado, não apresenta concentração relativamente representativa na geração de empregos no ano de 2010. Uma explicação para a região metropolitana não apresentar concentração no emprego industrial, seria o fato de que, as indústrias instaladas nesta região são predominantemente as indústrias dinâmicas⁶. Estas indústrias empregam muita tecnologia, apresentam alta produção, de alto valor agregado, porém, não empregam muita mão de obra na produção e sim mais mão de obra qualificada, como é o caso das indústrias automobilísticas.

⁶ Indústrias Dinâmicas - são indústrias que investem em tecnologia, utilizam muito capital e pouca mão de obra e tem alta geração de PIB. A mão de obra utilizada é principalmente a especializada. São exemplos, indústrias de: fertilizantes/químicos, metalúrgicos, mecânica, material de transporte, material elétrico/comunicação, papel e papelão (PELINSKI; FERRERA de LIMA; STADUTO, 2009, PIFFER, 2009).

Ao contrário da indústria tradicional⁷ e indústria não tradicional⁸ que, não possuem muita tecnologia e empregam um volume maior de mão de obra menos qualificada e sua produção possui menor valor agregado.

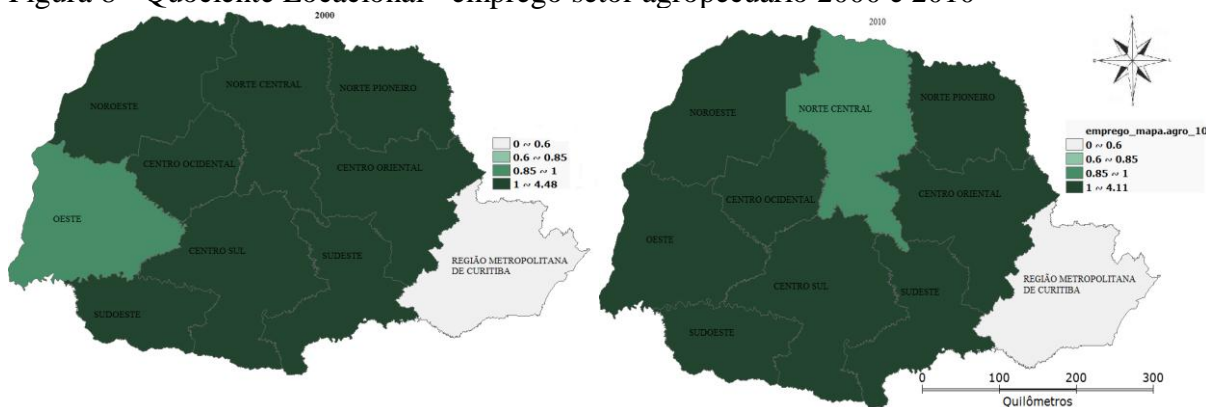
Cabe observar que a região Centro Sul deixou de ter saldo representativo do emprego no ano de 2010 para o setor industrial, sendo que a concentração de emprego nesta mesorregião no ano de 2010 ficou com o setor agropecuário.

No Oeste paranaense, o setor terciário possuía maior concentração em 2000. No ano de 2010 vê-se uma inversão de cenário nesta região, o setor terciário diminui sua concentração, abrindo espaço para o setor industrial e agropecuário.

Devido à tecnificação agrícola, que substituiu a mão de obra por máquinas agrícolas e pacote de insumos modernos, o setor primário não emprega muita mão de obra, porém se percebe uma evolução no quadro da contratação de mão de obra nas mesorregiões.

Isto ocorre, pois nos dados coletados pela RAIS os números de pessoas empregadas são necessariamente com vínculo, ou seja, tem o registro da carteira de trabalho assinada. A mão de obra utilizada no campo era principalmente informal, nas duas últimas décadas, esta situação mudou e os empregadores passaram a registrar os seus funcionários. Com isso passou a ter uma evolução nos dados coletados de emprego formal no campo.

Figura 8 - Quociente Locacional - emprego setor agropecuário 2000 e 2010



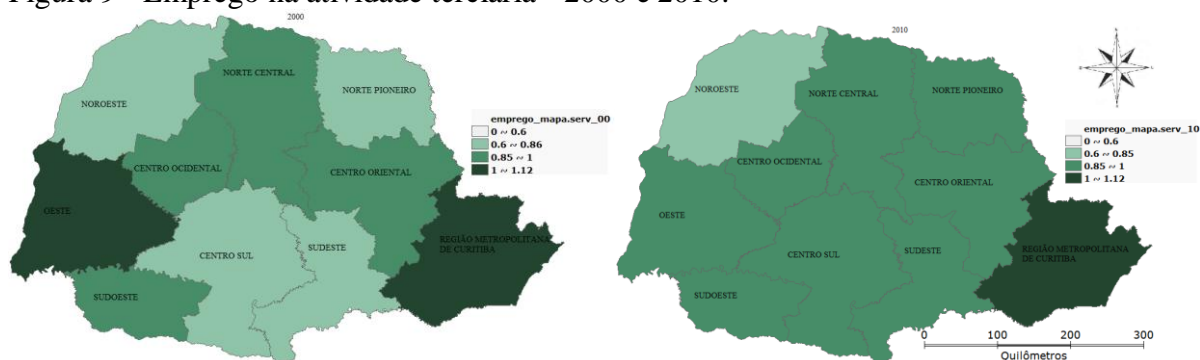
Fonte: Elaborado pela autora, segundo dados da RAIS (2013).

⁷ Indústrias Tradicionais - são indústrias que investem pouco em tecnologia e utilizam muita mão de obra, principalmente mão de obra sem qualificação e tem uma geração menor de PIB comparado a indústria dinâmica. São exemplos, indústrias de: Produtos alimentícios, vestuários/calçados, bebidas, madeira, têxtil, mobiliário editora/gráfica (PELINSKI; FERRERA de LIMA; STADUTO, 2009).

⁸ Indústria não Tradicional - são indústrias intensivas em capital que fortalece o produto interno bruto municipal. São indústrias produtoras de: minerais não metálicos, borracha, fumo, couro e de construção civil (PIFFER, 2009).

Apesar do setor primário não possuir um número expressivo de empregados, como o setor secundário e terciário, na análise do modelo *shift share* é o setor que mais se destaca como concentrador de mão de obra das mesorregiões. Isto ocorre, pois cada mesorregião é comparada ao valor total do Estado, assim como o valor total do Estado em geração de emprego neste setor é baixo, na comparação com a mesorregião esta fica com alta concentração, o que também ocorreu no setor terciário.

Figura 9 - Emprego na atividade terciária - 2000 e 2010.



Fonte: Elaborado pela autora segundo dados da RAIS (2013).

Apesar de o setor terciário ser o maior empregador de mão de obra, na comparação da evolução do emprego no setor terciário nas mesorregiões com o Estado, percebe-se que, no ano de 2000 apenas a região metropolitana de Curitiba e o Oeste paranaense apresentaram concentração relativa de emprego.

Na Figura 9 se percebe que apenas a região metropolitana de Curitiba se mantém concentradora de emprego, no setor terciário, comparado ao Estado do Paraná. Apesar das demais regiões terem elevado sua participação na contratação de mão de obra para o setor terciário, sendo que, com exceção da região Noroeste, que não alterou e da região Oeste que diminuiu sua concentração no emprego para o setor de serviços em especial no comércio.

O coeficiente de especialização indica se as regiões tem se especializado em apenas um setor da economia ou se diversificam a sua estrutura produtiva. Quanto mais próximo de 1, sua estrutura produtiva é mais parecido com a região de referência, indicando a especialização. Quanto mais próximo de zero, mostra que sua estrutura produtiva é diferente da região de referência, apontando uma região diversificada.

A Tabela 7 mostra que no ano de 2000, as regiões com melhor desempenho na diversificação em todos os setores foram a RMC e Norte Central e o Norte Pioneiro que também se apresentaram diversificados no ano de 2000.

Por ter um coeficiente de especialização baixo, estas regiões apontam que as mesmas diversificam a sua produção.

A diversificação em uma região é necessária, pois, caso algum dos setores não apresentar um bom desempenho, tem os outros setores para dar em suporte econômico a região. Ou ainda, caso uma região dependa apenas da renda gerada a partir da criação e venda de aves, caso as vendas caiam e a empresa diminua a sua produção, reduza o quadro de funcionários, toda a rede de pessoas envolvidas na criação desta ave será diretamente afetada e a cidade empobrecerá, pois não terá como empregar a população ociosa nem gerar renda.

Tabela 7 - Coeficiente de Especialização – PIB

	Sudeste	Norte Pioneiro	Noroeste	Sudoeste	Oeste	Centro Ocidental	Centro Oriental	Centro- Sul	Norte Central	Metropolitana de Curitiba
2000	0.181	0.098	0.109	0.154	0,133	0.185	0.111	0.114	0,063	0.078
2010	0.192	0.134	0.115	0.112	0,112	0.111	0.104	0.102	0,055	0.068

Fonte: Elaborado pela autora segundo dados da IPEADATA (2013).

Já em cidades com setores diversificados e ramos de atividades diversificadas, se acontecerem de um ramo de atividade cair assustadoramente, tem outros setores para socorrer a população, e manter a economia regional estável. Ou seja, com a diversificação, as regiões se tornam menos vulneráveis e elevam as suas possibilidades de se desenvolverem.

No ano de 2010, algumas regiões diminuíram a sua especialização deixando de ser especializada em um setor ou ramo de atividade. A Tabela 7 aponta que as mesorregiões, Metropolitana de Curitiba e Norte Central mantiveram a sua produção diversificada e o Oeste passou a ser diversificado na produção o que indica melhor atuação na economia.

No Paraná, o Centro Gravitacional econômico, não está no centro territorial. Pelo contrário, localiza-se na periferia territorial. A centralidade econômica paranaense, não segue a centralidade territorial. Visto que o centro é pobre assim como seus limites territoriais de divisa são, na sua maioria, pobres.

Conforme apontado neste estudo, a região norte central tem grande interação de fronteira (de exportação e importação) com o centro dinâmico de São Paulo. Enquanto que a Região Metropolitana de Curitiba tem uma inserção de bens e serviços com o resto do mundo, demonstrando que estas duas regiões se apresentam mais importantes nas questões econômicas do Estado do Paraná, conforme a Tabela 7.

O Paraná, especificamente a economia paranaense, tem ligações com seus núcleos capitalistas de aglomeração de atividades, como é o caso da economia paulista. Por isso,

ocorre o crescimento da mesorregião Norte Central, onde se localizam as microrregiões de Londrina e Maringá, que estão a margem da periferia paranaense, mas que se tornaram subnúcleos do núcleo da economia paulista, especialmente a economia cafeeira.

O fato da economia desta mesorregião ser ligada a economia cafeeira, impulsionou a difusão e a diversificação de suas atividades econômicas. Espaço como este ou da mesorregião de Curitiba, são denominados de periféricos territorialmente, porém, são considerados por outros centros de economias dinâmicas no Estado do Paraná.

Após analisar todos os dados pode-se apontar que, o porto de Paranaguá que é a maior fronteira no Estado do Paraná, por ser uma fronteira com o mundo, é beneficiado devido seu estado de fronteira, e com isso, retém grande capital tanto de relações comerciais realizadas por outras regiões do Estado como por suas próprias relações comerciais. Devido a sua localização ocorre grande entrada de capital e com isso a geração de empregos.

Nesta região de grande fronteira está localizada a capital do Estado, desta forma a maior parte das indústrias paranaenses se localizam nesta área, sendo que seu crescimento vem se espalhando para municípios vizinhos. A facilidade ao acesso de serviços e de transporte torna a região atrativa para investimentos à curto, médio e longo prazo.

6 CONCLUSÃO

O Paraná passou por sucessivas mudanças na sua estrutura produtiva no século XX. De uma economia predominantemente primária, a partir da década de 1970, a exemplo do que aconteceu no Brasil no mesmo período, modernizou a agricultura e passou por uma transformação de sua base produtiva.

Com a entrada de capital externo, ocorreu a instalação de indústrias, primeiramente na Região Metropolitana de Curitiba. Desta forma geral a produção evoluiu e através de incentivos governamentais constituiu-se uma indústria diversificada e dinâmica.

Fatores locacionais facilitaram o crescimento econômico desta região, pois a mesma além de ter todos os poderes concentrados em um mesmo centro, esta próxima de São Paulo, que é o maior centro comercial do país, e também esta próxima do Porto de Paranaguá, facilitando as transações comerciais como um todo, e para todo o mundo. De maneira que esta região se tornou atrativa para investimentos externos. Com isso se formou nesta região o maior centro industrial do Estado do Paraná que aumentou e se espalhou para parte da Região Metropolitana de Curitiba.

Com os incentivos governamentais, atraiu a instalação de indústrias metal mecânicas e metalúrgicas, dentre outras, e a vantagem logística, com transporte facilitado para estados como São Paulo e Santa Catarina, além de estar interligado com o interior do estado e estar localizado próximo do Porto de Paranaguá, esta região se tornou a maior exportadora do estado.

À exemplo do que ocorreu na capital paranaense, a região Norte Central também cresceu e se industrializou. A sua proximidade com o Estado de São Paulo, fez com que imigrantes paulistas iniciassem as suas atividades com café nesta região e com isso atraíram indústrias. O Norte Central paranaense, em especial os municípios de Maringá e Londrina passaram a se destacar no ramo industrial, metal mecânico, e têxtil. Sendo que esta região se tornou um polo em referência na indústria têxtil do país.

Com a construção do anel viário no Paraná, interligando o Porto de Paranaguá e a Capital do estado com o interior. Esta via de ligação entre as regiões, facilitou o escoamento da produção e o deslocamento da capital para o interior. Com isso, as negociações com o mundo inteiro se intensificaram, pois, o custo da transação ficou menor, atraindo novos investidores e comerciantes.

Como se analisou anteriormente, a região Oeste paranaense se mantém em terceiro lugar em crescimento econômico. Esta região possui algumas peculiaridades que a diferencia

das demais no estado. Ela faz fronteira com outros dois países, e por fazer fronteira com outros países, nesta região ocorre um grande fluxo transações comerciais, além de ter uma terra fértil e produtiva e possui a maior hidroelétrica do país.

Esta região foi a última a ser colonizada e seu crescimento econômico se deu de forma mais intensa a partir da construção da hidroelétrica, pois neste período foi construída a Br 277 ligando o interior a capital.

Como a região possui terras férteis, cooperativas se instalaram no oeste paranaense para dar suporte ao campo armazenando a produção até conseguir escoar a mesma para o porto.

Com a facilidade de acesso do interior para a capital, esta região se industrializou, tanto na área de bebidas, medicamentos, metal mecânica e principalmente na agroindústria que utiliza a abundância de recursos naturais disponíveis nesta região.

O Oeste passou a ser um dos maiores exportadores de *commodities* no estado, de forma que, apesar de o custo logístico para o transporte ser um pouco mais elevado de outras regiões, a abundância de matéria prima compensa. Desta forma a região se tornou atrativa e com isso, várias cooperativas e indústrias se instalaram ali gerando emprego e renda para as famílias da região.

Com isso o que se percebeu foi que, quanto maior a facilidade de acesso de uma região mais atrativa esta tem de aumentar seu crescimento. O fato de o estado possuir um porto que é uma fronteira aberta para o mundo, trouxe muitos benefícios, como aumentou as relações de transação com o exterior. Assim, mais capital entra no país gerando a instalação de novas indústrias e geração de mais empregos.

A área de fronteira para o resto do mundo (Porto de Paranaguá) é representativa para o território paranaense em todas as suas atividades econômicas, no entanto, pela análise estudada, percebeu-se uma aglomeração de bens e serviços na mesorregião de Curitiba especificamente em Curitiba e em seu entorno. Para o restante do Paraná salvo a região Norte Central que tem forte ligação com o estado de São Paulo, não houve o mesmo dinamismo de espraiamento, sendo que estas continuam sendo mesorregiões especializadas em poucos produtos especificamente a agropecuária.

Portanto, a mesorregião Metropolitana de Curitiba tem se beneficiado com a implantação em investimentos que favorecem a maior geração de emprego, renda e riqueza, por estar mais próximo da maior fronteira do estado com o resto do mundo, a qual é representada pelo Porto de Paranaguá.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. R.; LIMA, J. F.; PIFFER, M.; PIACENTI, C. A. **Análise regional das mesorregiões do Estado do Paraná no final do Século XX.** Análise Econômica, Porto Alegre, nº. 46, p. 7-25, 2006a
- CHRISTALLER, W. **Central places in Southern Germany.** New Jersey : Prentice-Hall 1966. (Traduction de l'originale de 1933).
- ESTEBAN-MARQUILLAS, J. M. **Shift-share analysis revisited.** Regional and Urban Economics, v. 2. nº 3, p. 249-261, 1972.
- FÜRST, D.; KLEMER, P.; ZIMMERMANN, K. **Política econômica regional.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- GONÇALVES JUNIOR, C. A.; GALETE, R. A. O método estrutural-diferencial: aplicação da adaptação de Herzog e Olsen para a microrregião de Maringá frente à economia paranaense 1994/2008. **Informe Gepec**, Toledo: UNIOESTE, v.14, n.2, p.149-165, 2010.
- GONÇALVES JUNIOR, C. A.; ALVES, L. R.; LIMA, J. F.; PARRE, J. L.. Análise diferencial-estrutural e fatorial do emprego nas microrregiões paranaenses entre 2005 e 2009. In: IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos (ENABER), 2011, Natal-RN. **Anais do IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos (ENABER)**, 2011.
- GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Disponível em: <http://www.der.pr.gov.br/arquivos/File/Tarifas/Tarifas_pedagio.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2013.
- HADDAD, P. R. (Org.). **Economia regional: teorias e métodos de análise.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1989.
- HADDAD, Paulo. Capitais intangíveis e desenvolvimento regional. **Revista de Economia**, v. 35, n. 3 (ano 3), p. 119-146. 2009.
- HERZOG, H. W.; OSLEN, R. J. **Shift-share analysis revisited: the allocation effect and the stability of regional structure.** Journal of Regional Science, v. 17, nº3, p. 441-454, 1977.
- HIRSCHMAN, A. O. **The strategy of economic development.** New Harven: Yale University Press, p. 50-57, 1958.
- IPARDES (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social). Perfil do Paraná. Curitiba: IPARDES, 1996.
- IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Dinâmica demográfica da região Sul: anos 70 e 80. Convênio MEC/Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação e NESUR - **Núcleo de Estudos Urbanos - IE** - Unicamp, Curitiba, PR, 1997. 180p

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Leituras Regionais Mesorregião Demográfica**. 2004. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=29>>. Último acesso em: 18 set. 2014.

IPARDES - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Paraná: economia e sociedade**. 2. ed. Curitiba: IPARDES, 2006.

IPEADATA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2013.

LACERDA, A. C. de. ; BOCCHI, J. I. ; REGO, J. M.; BORGES, M. A.; MARQUES, R. M. **Economia brasileira**. São Paulo: Saraiva, 2000.

LIMA, J. F. *Geoeconomie et Developpement Regional*. 01. ed. Paris: Publibook, 2012. v. 01. 124p.

LIMA, J F de. RIPPEL, R. STAMM, C. **Notas sobre a formação industrial do Paraná – 1920 a 2000**. Disponível em http://www.propesp.uepg.br/publicatio/hum/2007_1/Jandir.pdf.

LOURENÇO, G. M. Expansão recente da economia paranaense: Componentes estruturais e conjunturais. **Análise Conjuntural**, vol. 17, n. 3-4, pag. 20 - 25, mar/abril. 1995.

MAIA, S. F.; MEDEIROS, N. H. **Transformações recentes na economia paranaense**. Recife. Editora universitária (UFPE), 2005.

MDIC - Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em <http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=10762013>. Último acesso em 25 de agosto de 2014.

NORTH, D. A agricultura no crescimento econômico. In: SCHWARTZMAN, J. (Org.). **Economia regional: textos escolhidos**. Belo Horizonte, MG: CEDEPLAR/CETEDRE – MINTER, p. 333-343, 1977a.

NORTH, D. **Custos de transação, instituições e desempenho econômico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 2006

NORTH, D. **Structure and change in economic history**. New York: W. W. Norton & Co, 1981.

_____. Alguns problemas teóricos a respeito do crescimento econômico regional. **Revista Brasileira de Economia**. Rio de Janeiro, nº 03, p. 25-38, set. 1961.

_____. Location theory and regional economic growth. **Journal of Political Economy**, vol. 63, june 1955.

_____. Institutions, economic growth and freedom: an historical introduction. In: WALKER, M. (Ed.). **Freedom, democracy and economic welfare**. Vancouver: FraserInstitute, 1988. [Reimpressoem PEJOVICH, Svetozar. *The economic foundations of property rights*. Cheltenham: Edward Elgar, 1988].

_____. **Institutions and economic growth: a historical introduction.** World Development, Amsterdam, v. 17, n. 9, p. 1.319-1.332, Sept. 1989.

_____. **Institutions, institutional change and economic performance.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **Transaction costs, institutions, and economic performance.** San Francisco: ICS Press, 1992.

_____. **Teoria da localização e crescimento regional.** In: SCHWARTZMAN, J. (Org.). Economia regional: textos escolhidos. Belo Horizonte, MG: CEDEPLAR/CETEDRE – MINTER, p. 291- 314, 1977b.

_____. **The economic growth of the United States 1790-1860.** New York: Prentice Hall, 1961a.

OLIVEIRA, O.; GARCIA, B.; STERN, C. Notas sobre a teoria da migração interna: aspectos sociológicos. In: MOURA, H. M. (Coord.). **Migrações internas: textos selecionados.** Fortaleza: BNB/ETENE, 1980.

PADIS, P. C. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná.** São Paulo: HUCITEC; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981.

PELINSKI, A., LIMA, J. F e STADUTO, J. A. R. As atividades produtivas nas microrregiões paranaenses. Rev. **Economia & Tecnologia** – Ano 05, Vol. 16 – Janeiro/Março de 2009.

PIFFER, M. A teoria da base econômica e o desenvolvimento regional do estado do Paraná no final do século XX. Tese **Doutorado em Desenvolvimento Regional** – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2009.

PIFFER, Moacir. **A dinâmica do Oeste paranaense: sua inserção na economia nacional.** (Dissertação de mestrado) Curitiba, UFPR, 1997.

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/geral/estatisticas.asp?viewarea=rais>>. Último acesso em: 30 novembro de 2013.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: MOURA, H. A. de, **Migração interna: textos selecionados.** v. 1, Fortaleza: BNB/ETENE, p. 19-88, 1980.

RIPPEL, R. **Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Paraná: uma análise de 1950 a 2000.** Tese de Doutorado em Demografia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas - SP, 2005.

RIPPEL, R.; LIMA, J. F. Fatores diferenciais e estruturais na localização e crescimento da população rural no Oeste Paranaense. In: **Encontro Nacional De Estudos Populacionais,** 16., 2008, Caxambu. Anais... Caxambu: ABEP, 2008.

ROLIM, C. O Paraná urbano e o Paraná do agribusiness: as dificuldades para a formulação de um projeto político. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, nº 86, 1995.

ROSA, T. D. L. F.; ALVES, A. F. O comércio internacional do Paraná no período recente. In: GODOY, A.M. G, LUGNANI, A.C. **Dimensões regionais do desenvolvimento brasileiro**. Maringá: PME-UEM, 2003.p.161-188.

ROSTOW, W. W. **Etapas do crescimento econômico**. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

SANDRONI, P. H. **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Editora Best Seler, 1999.

SCHMIDTKE, C. R.; BRAUN, M. B. S.; STADUTO, J. A. R. A inserção agrícola no comércio internacional e seus desdobramentos no caso do Paraná. In: STADUTO, J. A. R.; BRAUN, M. B. S.; SILVA, C. L.; ROCHA JÚNIOR, W. F. (Organizadores). **Agronegócio e desenvolvimento regional: reflexões sobre a competitividade das cadeias de produção paranaense**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2007, capítulo 11, p. 255-279.

SIMÕES, R. F. **Métodos de análise regional e urbana: diagnóstico aplicado ao planejamento**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2005. (Texto para discussão, 259).

SINGER, P.SZMRECSÁNYI, T. Perspectiva atual do problema. In: SANTOS, J. L. F.; LEVY, M. S. F.; SZMRECSÁNYI, T. (Orgs.). **Dinâmica da população: teorias, métodos, e técnicas de análise**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

SOUZA, N. J. **Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Atlas, 2009.

SOUZA, N. R. Regiões-chave na integração econômica regional. **Análise Econômica**, Porto Alegre: UFRGS/Faculdade de Ciências, v.14, n.25/26, p.16-24, mar./set. 1996.

STADUTO, J. R. A., TREVISOL, S. L., JONER, P. R. Sistema Público De Emprego Do Paraná: uma análise regionalizada da intermediação da mão-de-obra. **Revista Paranaense De Desenvolvimento**, Curitiba, n.106, p.49-70, jan./jun. 2004.

TRINTIN, J. G. **A economia paranaense: 1985-1998**. 200p. 2001. Tese (Doutorado) – Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

TRINTIN, J. G. **A nova economia paranaense: 1970-2000**. Maringá: Eduem, 2006.

VASCONCELOS, C. R. F.; VASCONCELOS, S. P. Medidas "antidumping" e resultados colusivos: o caso do PEBDL na economia brasileira. **Nova economia**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 117-141, setembro-dezembro de 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/neco/v15n3/v15n3a05.pdf>>. Acesso em: 07/06/2013.

